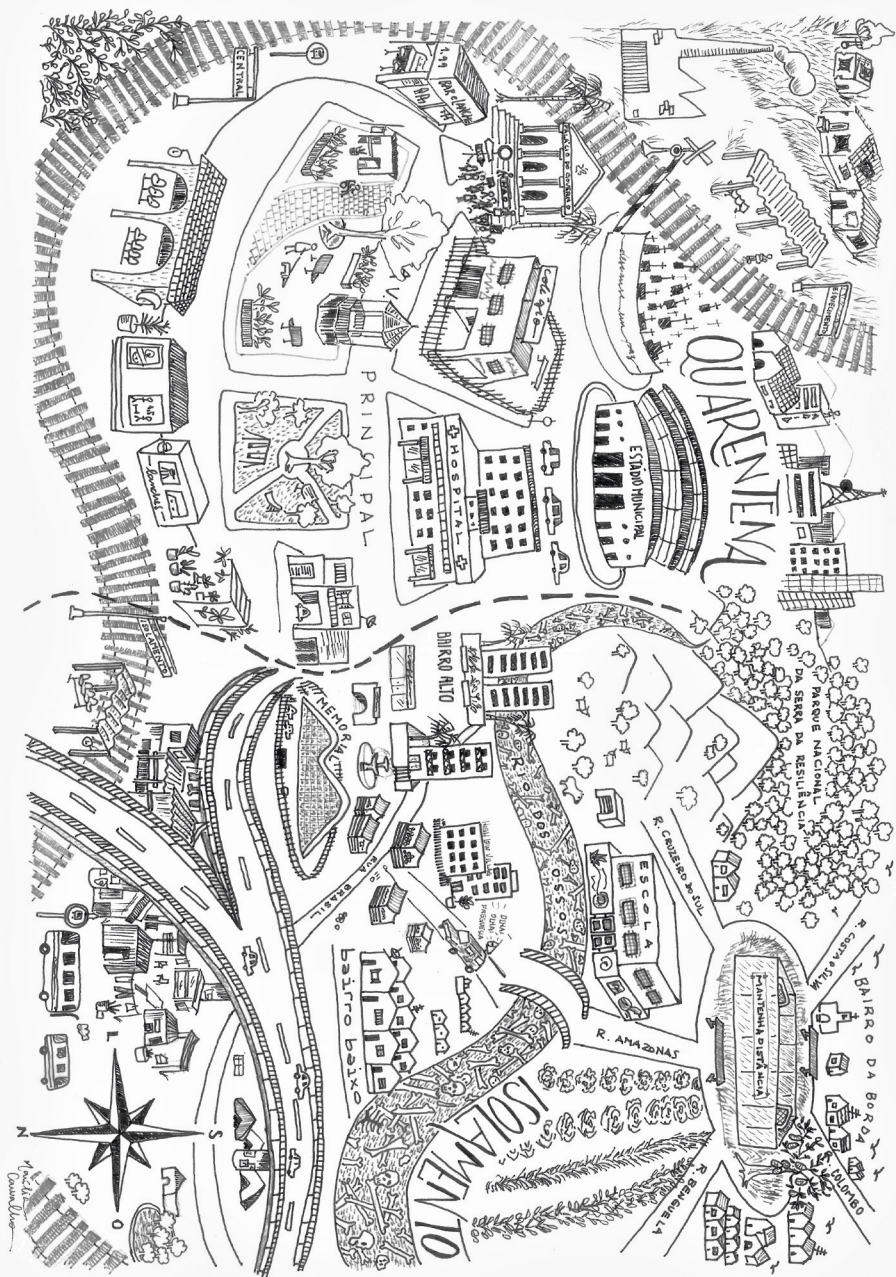


DANILO HEITOR

consigo





Edição, projeto gráfico e diagramação:
Macaio Poetônio

Capa e mapa da guarda:
Marília Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
TuxpedBiblio (São Paulo - SP)

H473c Heitor, Danilo.

Consigo / Danilo Heitor; Ilustrações de Marília Carvalho.– 1. ed.– São Paulo : Editora Primata, 2021.
176 p.; 13x20 cm.

ISBN 978-65-88866-58-0

1. Contos. 2. Isolamento. 3. Literatura Brasileira. 4. Literatura Contemporânea. 5. Pandemia. 6. Quarentena.
I. Título. II. Assunto. III. Heitor, Danilo.

21-3017312

CDD B869.91
CDU 82-34(81)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio
Gomes CRB-8 8846

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira: Romance, crônica, conto, novela, cartas.
2. Literatura: Conto (Brasil).

Os textos neste livro são de autoria exclusiva do autor.
Os direitos desta edição são exclusivos da Editora Primata:
Praça Benedito Calixto, 150, ap509 - Pinheiros, São Paulo-SP.
www.editoraprimata.com

consigo

DANILO HEITOR

São Paulo
setembro/2021



SUMÁRIO

CASCADEL.	13
OS DONOS DA PRAÇA	19
CONTEXTO	25
FÓRCEPS	31
OFFLINE	37
ENTRE	49
O ÚLTIMO COPO	55
COMIGO	61
DESENGANO	67
VALSINHA	73
PRETA	79
CONOSCO	81
O SONHO DE SALETE	87
PAMONHA	91
VERTIGEM	97
CONVOSCO	103
ANÁLISE DE CONJUNTURA	109
FLORA SAUDADES QUER CASAR.	115
IDENTIDADE.	121
CONTIGO	127
O RETORNO	133
A CLASSE	143

SÃO MARCOS	.145
DIZEM AS PAREDES.	.151
CONSIGO	.157
PEDRA DURA	.163
NÓS, PASSARINHO	.171

Ao meu pai, onde quer que esteja (para além do meu coração);

à minha mãe e minha irmã, mulheres de uma vida inteira;

à Marília, companheira, leitora, editora, crítica e poeta revolucionária - mar, ilha e porto seguro;

à Preta e Branca, que por mais de 14 anos dividem a existência comigo;

a quem cruzou o meu caminho nestes quase quarenta anos e ousou sonhar junto outros mundos possíveis - e lutar por eles;

e a todas as pessoas obrigadas a viver um luto desnecessário nesta que é a maior tragédia das nossas vidas.

CASCAVEL

Aquele sinal bizarro, às sete da manhã de um domingo, despertou Cascavel do seu sono pesado. Estava acostumado com o alarme do colégio nos dias de semana, mas de domingo era a primeira vez e aquilo parecia muito mais um grito. Não qualquer grito, um grito específico, como se uma multidão de almas encontrasse um abismo infinito e fosse caindo, uma por uma, sem parar – de cair e de gritar. Cascavel esfregou os olhos cansados de fome e virou para o outro lado, achando que o grito era coisa da sua imaginação, mas não encontrou mais o sono. Saiu do barraco e viu a praça central de Quarentena vazia naquele domingo de sol, exceção feita por aquela menina. A mesma de sempre. Olhou de canto de olho e deu de cara com o canto do olho dela, no mesmo movimento de estou-mas-não-estou-te-vendo que se estendia por meses. Por um instante, pensou em perguntar a ela se tinha escutado o grito. Mas nunca haviam se falado.

Gabriela tinha sentimentos mistos por aquele homem, a figura mais conhecida do centro da cidade. Achava absurdo que uma pessoa que vive na rua fosse famosa a ponto de aparecer em campanha eleitoral de vereador, e mesmo assim continuar na rua. Por que não ofereceram uma casa, um emprego, alguma ajuda? Vai ver era vagabundo mesmo, gostava da rua, olha a localização estratégica desse barraco: ao lado do postinho de saúde, cercado de bares e lanchonetes, no caminho de quem

mora em um canto e precisa passar pelo centro para chegar ao trabalho. E depois, só tinha homem em volta dele, sempre, o tempo todo. As únicas mulheres próximas de Cascavel eram as que figuravam peladas no lado de fora das paredes do seu barraco.

O barraco, aliás, era parte das lendas criadas ao seu redor. “Ele cria serpentes lá dentro, daí o apelido”; “o cara tem TV de plasma e frigobar, gente”; “não tem nada, só um papelão onde ele dorme e algumas roupas sujas”. Qualquer uma das opções desagradava Gabriela, que tinha pouco interesse em conhecer o interior da casa do homem que, toda vez, olhava para ela daquele jeito. É verdade que ele era a única outra pessoa na praça àquela hora, a única alma que poderia confirmar se aquele grito bizarro havia acontecido mesmo, mas seu relacionamento com Cascavel era um jogo de gato e rato: ela sabia que ele ia olhar, então olhava antes, para coagir seu movimento; assim que via um pedacinho daqueles olhos verdes reluzindo em meio ao rosto negro e barbado, desviava os seus, em um misto de vergonha e encantamento, e ficava na agonia de não saber se ele estava olhando. Acabava sempre igual: Cris chegava, com seu sorriso explodindo de saudade, e encontrava Gabriela sisuda, já sabendo o motivo. O abraço era apertado o suficiente para servir como um discurso de esquece-esse-cara, e as duas iam dar rolê de mãos dadas pelo largo, um dos únicos pedaços de Quarentena onde seu amor era minimamente tolerado.

Cascavel, por sua vez, não queria saber do largo, só da praça. Nunca saía da praça.

Era seu território, e mesmo a polícia tratava sua presença ali sem a mesma violência com que abordava outros moradores de rua, talvez por sua condição de cadeirante. Ele, também, soube construir ao redor uma rede

de proteção: oferecia ajuda a quem vinha do mercado carregado de sacolas; criava músicas no violão, seu “maior pertence”, como dizia, com letras que cantavam a cidade, a praça, os moradores; oferecia o barraco de esconderijo para quem quer que fosse que estivesse fugindo das fardas; e – corria o boato entre aqueles que queriam o seu êxodo – passava drogas. Fosse o que fosse, Cascavel não ousava cruzar a fronteira imaginária até o outro lado da rua, qualquer uma delas. Era como se aquele retângulo, quase quadrado, fosse ao mesmo tempo uma prisão e a liberdade, de poder existir e ser existido, de forma que ele nunca fechava a cara. Estava sempre disposto e sorrindo, mesmo quando por consolação.

A única exceção era com Gabriela.

Por meses, a relação de quase-olhares entre os dois se manteve como uma guerra fria, à distância, moderada. Mas alguma coisa naquele domingo não estava normal. Aquele sinal em forma de grito parecia um aviso, um chamado, de algo que nenhum dos dois sabia o que era, algo que remexia no estômago inquieto de ambos naquela manhã ensolarada. Era como se reconhecer a presença do outro fosse a única maneira de provar a própria, escapar do vazio ao redor, confirmar que sim, estamos aqui, você também ouviu esse grito estranho?

Foi assim que, pela primeira vez, aconteceu o sincronizar daqueles dois pares de olhos, fixos um no outro com tanta firmeza que gerou duas reações opostas: Cascavel sentiu-se finalmente em paz; Gabriela conheceu o próprio ódio. E partiu a passos duros em direção ao homem-da-praça.

Parou a dois de distância, o punho esquerdo fechado e pronto, e gritou:

– Tá olhando o quê, porra?!

Cascavel sorriu, e desengasgou a frase há tanto entalada na garganta:

– Você me lembra minha mãe.

Em silêncio, os dois se fitaram por quase um minuto, eterno como a pandemia que chegou à Quarentena naquele mesmo domingo, trancando Gabriela em casa, mantendo Cris em Isolamento e deixando Cascavel ainda mais sozinho na praça.

Alguns meses depois, o vereador da propaganda foi eleito prefeito. E no discurso de posse, se vestiu de operário para, a marretadas, derrubar as quatro paredes finas daquele barraco agora vazio no centro da cidade, fazendo voar na cara de um de seus apoiadores – um desses papagaios de pirata que fazem as vezes de figurante-olhando-pro-nada – a imagem sem pudores de uma mulher exibindo a origem do mundo.

Pela primeira vez em anos, a praça ficou sozinha.

(dedicado à Cascavel, um dos muitos moradores de rua de São Paulo cuja vida cruzou com a minha, de muitas formas diferentes, durante a juventude)

OS DONOS DA PRAÇA

Era uma praça onde desembocavam as cinco ruas principais do bairro da Borda, na periferia de Isolamento. E não era uma praça qualquer: havia nela um campinho. Claro que existia um título extraoficial de “donos da praça”. E todas as cinco ruas diziam que o simbólico troféu era seu.

Chegava o fim de julho daquele ano quando aconteceu. Era um sábado de calor em pleno inverno, e às três da tarde estava marcado um amistoso entre a rua Benguela e um visitante do bairro vizinho. Logo depois do almoço, quando os benguela chegaram à praça, encontraram o pessoal da rua Amazonas e da rua Colombo em campo, discutindo como se fosse para cartão vermelho.

– Marcamos esse treino faz quase um mês. Vocês usam o campo todos os dias, é a primeira vez que a gente vem – dizia a goleira da rua Amazonas.

– Não importa. Vocês não colocaram o horário na tabela.

– Como vamos colocar se a tabela fica com vocês?

– Já ouviu falar em telefone?

O zagueiro da rua Benguela entrou na discussão.

– De que dia vocês estão falando? Hoje? Hoje temos jogo aqui, daqui a pouco.

– Também não está na tabela.

– Que mané tabela, tá vendo aquele gol ali? Meu pai que fez, lá em casa, meus tios que instalaram. Todo mundo sabe que de sábado a praça é nossa.

– De sábado, de domingo, de segunda... vocês jogam sempre que querem. A gente só quer treinar uma vez! – protestou a arqueira amazona.

De repente, surgiu um juiz. Gente boa, mas juiz.

– Boa tarde, rapaziada! Queria pedir para vocês liberarem o campo, duas horas agora tem jogo do campeonato entre bairros.

– Que jogo?

– Rua Cruzeiro do Sul e XI Garotos.

– Ninguém avisou. Também não está na tabela.

Nisso, a torcida organizada da rua Cruzeiro do Sul apareceu na praça, com bateria e tudo. Entendeu rapidamente o que estava acontecendo e começou a cobrar:

– Se a gente não jogar, olê, olê, oláááá... o paaa-aaau vai quebrar!

A goleira da rua Amazonas perdeu a paciência.

– Dá aqui essa tabela, você vai ver onde eu vou enfiar – arrancou a folha A4 laminada e brilhosa da mão do diretor-geral da rua Colombo e saiu caminhando em direção à linha lateral.

O diretor-geral nem se mexeu. Olhou para o lado de fora do gramado e acenou com a cabeça. A amazona rapidamente foi cercada. Os velhos ao redor da praça gritavam, com intenções tão duvidosas quanto impedimento de time pequeno jogando fora de casa.

– Deixa as meninas jogarem! Queremos ver as meninas!

O avô da goleira, incomodado, quis dar um basta nas provocações de seus contemporâneos. Recebeu de volta um punhado de risos desditosos, como os de quem mete um chapéu no zagueiro depois do lance já estar parado. Um dos velhos perguntou qual delas era a neta.

– A de rosa! – esbravejou o avô.

A goleira, que estava perto, entendeu “gostosa”, e enfureceu. Ainda discutindo com o time inteiro da rua Benguela, arrancou o molho de chaves do bolso da calça do diretor-geral, girou cento e oitenta graus e nem mirou para fazer o arremesso. Acertou no meio da testa de um dos idosos, que até então não tinha aberto a boca. Um avô também, e dos bravos, cujo neto era capitão duas vezes, do time da rua Costa e Silva e da polícia.

Ao ver o pai de seu pai voltar para casa sangrando, o bi capitão resolveu tomar providências. De arma em punho, invadiu o campo sozinho, sem guarnição nenhuma, estilo centroavante de time com dois a menos tentando puxar contra-ataque. Deu um tiro para o alto e gritou:

– Ninguém joga aqui hoje!

Enquanto uns corriam, outros se abaixavam, a bala traçou uma trajetória retilínea em direção ao maior pé de jaca da praça. Atingiu um dos frutos, que balançou para um lado, balançou para o outro e se soltou do galho, encontrando a cabeça de uma das crianças que corriam ali perto do gol.

No meio do tumulto, a briga pela posse do campo acabou. O juiz meteu o menino no banco de trás do carro e arrancou para o hospital mais rápido que um ponta-direita, enquanto a goleira amazona e o diretor-geral colombino corriam para avisar a mãe da criança.

O menino morreu no caminho, antes mesmo de chegar à emergência.

O capitão sumiu do bairro. Diziam que tinha fugido até da cidade. Era a lei, mas sabia que nenhuma lei o protegeria da turba depois daquilo.

Por três semanas, a comunidade esteve em luto. Nenhuma bola correu na praça. Os representantes dos outros quatro times, indignados com a gota d’água na

costumeira violência da rua Costa e Silva, resolveram fazer um pacto. E propuseram um desafio.

A ideia era simples: um jogo entre um combinado dos quatro, rua Amazonas inclusa, e a rua Costa e Silva. Quem ganhasse ficava com a praça – de uma vez por todas. O diretor costa-silvense, que não era policial mas se portava como, riu. Jogar contra um time misto? Só podia ser piada. Mas teve que engolir a proposta, já que sem o capitão as coisas não eram mais tão favoráveis para o seu lado.

O jogo foi marcado para dali a duas semanas. Cada um dos quatro times ofereceu quatro jogadores, ou jogadoras, para a “seleção”. Os horários no campo foram divididos igualmente pelo pessoal da rua Colombo para treinos. De segunda, quarta e sexta, treinava a rua Costa e Silva. De terça, quinta e sábado, o combinado. De domingo, o campo era das crianças.

Pelo bairro, não se falava em outra coisa que não o “jogo da vida”. O dono da lojinha de esportes ofereceu um troféu, que levava o nome do menino morto. As costureiras fizeram bandeiras. Os quatro times do combinado mandaram fazer um uniforme, todo branco. O clima geral era de vitória, menos na rua Costa e Silva, onde sobrava medo – disfarçado de confiança e força bruta.

O último treino do combinado parecia um piquenique. Quase todo mundo das quatro ruas foi assistir. Havia comida e bebida, e a torcida organizada da rua Cruzeiro do Sul entoava cânticos de empatia e solidariedade. As quatro jogadoras da rua Amazonas foram ovacionadas ao entrar em campo – até mesmo pelos velhos da praça. O pessoal da rua Colombo organizou uma vaquinha para o churrasco. A rua Benguela, conhecida pelas festas, encabeçou uma roda de samba depois do treino. Combinaram com a família do

menino um minuto de silêncio e o pontapé inicial no dia seguinte. A mãe fez um discurso pela paz, emocionada. Já era quase madrugada quando as últimas pessoas foram para casa, cheias de adrenalina.

A partida estava marcada para as quatro da tarde. Mas eram ainda nove da manhã quando dois moleques da rua Benguela bateram esbaforidos na porta do diretor-geral colombino.

– Diretor! Diretor! Você viu o que aconteceu?! O campinho sumiu!

O diretor, lutando para espantar aquele resto de sono com ressaca, arregalou os olhos. Sumiu? Como um campo podia sumir?

Sem entender o que aquela frase significava, calçou os chinelos e correu atrás dos moleques, segurando o calção para não cair. Encontrou a praça cercada de tapumes e por boa parte dos moradores das cinco ruas, em silêncio.

De frente para a rua Cruzeiro do Sul, uma placa ostentava um logo da prefeitura e uma frase pintada, enorme, tinta ainda fresca:

MANTENHA DISTÂNCIA

O diretor se aproximou do campinho, juntou dois tijolos que serviam de banquinho sempre que tinha jogo e olhou por cima de um dos tapumes. Encontrou dois funcionários uniformizados, de máscara, fixando dentro das quatro linhas placas de permitido e proibido alternadas, goleiro sim, lateral-direito não e assim por diante, o que fazia com que qualquer time que pretendesse jogar ali ficasse com um número de jogadores iniciais abaixo do necessário para uma partida.

O jogo da vida teve que ser adiado.

CONTEXTO

Quarentena, 21 de março do Primeiro Ano.

Mãe,

estamos já há cinco dias em Quarentena, a capital de Corona. Não sei dizer exatamente como chegamos aqui na segunda, mas foi uma escolha nossa, consciente. Corona nunca foi um lugar que tivéssemos pretensão de conhecer, embora eu sempre tenha adorado os filmes de ficção que mostravam Isolamento e Quarentena, as duas maiores cidades daqui. De alguma forma, estávamos perto, apareceu trabalho e resolvemos vir. Contando agora parece até que foi Corona quem chegou até nós. Estranho esse sentimento, aumenta a sensação que eu sempre tive de que não estamos no controle de nada.

Já viajei para longe de você e da família outras vezes, mãe, mas essa é a primeira em que fico com saudades tão cedo. Deve ser a idade, a sua e a minha. O tempo tira da gente muitas coisas que gostamos, coisas e pessoas, e momentos, e acho que ficando mais velho vai crescendo o medo de não ter mais isso tudo nunca mais. É assim com você também?

Falando sobre Quarentena, não é nem de longe tão interessante quanto nos filmes. Estamos numa casa perto do centro, e até ontem tinha bastante gente na rua. Hoje diminuiu, muita coisa fechada. Não tem muito o que fazer fora de casa, e a gente nem pretende sair mesmo. Fomos

ao mercado, à feira, e temos comida para algum tempo até precisar sair de novo. Posso dizer que é a primeira vez que eu visito um lugar novo e não tenho vontade de sair. As pessoas aqui por perto não parecem muito amistosas, todo mundo com cara de preocupação. Dizem que em Isolamento é ainda pior, e que as leis aqui em Quarentena são tão rígidas que se a gente descumprir uma só que seja podemos ser mandados para lá, mesmo sendo estrangeiros. Mas ouvi também que em Isolamento as pessoas falam a mesma coisa sobre Quarentena, então não sei.

O limite entre Quarentena e Isolamento é bem perto daqui, mesmo estando no centro. Você sabe que limites e fronteiras sempre foram um grande problema para quem é anarquista, mas essa é uma linha imaginária que, por via das dúvidas, eu não gostaria de desfazer não.

Tenho lido muitas notícias, muita coisa ao mesmo tempo. Confesso que estou confuso e um pouco assustado. Não sabia que as coisas aqui eram tão intensas e mudavam tão rápido. A Má ainda consegue se concentrar no mestrado dela, e só de vez em quando espicha os olhos para fora do texto para ver o que está acontecendo. Estou tentado encontrar coisas para fazer como ela, para descansar a cabeça. Tentei assistir uns filmes e séries, mas sempre que eu olho pela janela a minha preocupação retorna.

É difícil ver as pessoas na rua e ficar tranquilo, mãe. Aqui embaixo de casa dorme o seu Zé, um catador de material reciclável. Estamos tentando oferecer comida para ele quando cozinhamos, mas quase nunca conseguimos encontrar ele acordado. Por esses dias deu uma sumida. Faz pouco tempo, vi da janela ele dançando feliz por conta de um panelaço contra o presidente, e me deu ao mesmo tempo alegria e desespero por ele estar na rua. Ele vive em Quarentena há muito mais tempo que todos nós, e

de certa forma isso é triste e revoltante, porque as leis de Quarentena são especialmente cruéis com quem tem menos recursos. O seu Zé, e as outras pessoas que vemos todo dia por aqui puxando carrinhos, já foram ameaçadas muitas vezes de serem mandadas para Isolamento. A polícia especialmente os trata bem mal, e sempre que alguém some das ruas o pessoal desconfia que a polícia levou para Morte, uma cidade-fantasma aqui perto. De lá, ninguém nunca voltou.

Sabe, mãe, acho que desde a minha adolescência eu não fico tanto tempo em casa. Era diferente naquela época. Não tinha internet, só depois da meia-noite. E tinha você, a Lu e o pai. Tenho falado bastante com a Lu lá na Austrália, do outro lado do mundo. Ela me disse ontem que os políticos de Sydney estão querendo adotar leis muito parecidas com as de Quarentena, porque as pessoas por lá não saem das praias e têm esgotado os suprimentos dos supermercados. Não sei o que é pior, se as leis de Quarentena forem para lá ou se os comportamentos de lá chegarem aqui. Espero que não cheguem, embora ache difícil. Nos filmes que a gente via, os comportamentos em Quarentena já eram bastante egoístas e desesperados, e dizem que a vida imita a arte. Pena que sempre parece imitar no que tem de pior. Por isso prefiro pensar que a arte inspira a vida. Coloquei um Belchior para tocar aqui enquanto escrevo. Lembro de você e do pai ouvindo ele.

Para não dizer que é tudo desesperança, mãe, tenho visto ações de solidariedade por aqui também, e estou pensando em como fazer parte delas. Espero que cresçam, e que mesmo trancafiado em casa o povo de Quarentena consiga se movimentar em direção a uma outra vida.

Não vejo a hora de voltar para casa. Para a sua casa. Para poder te dar um abraço e um beijo sem medo

de Isolamento, quando a gente já tiver deixado Quarentena para trás.

Será que demora?

Até lá, fico por aqui, escrevendo *e-mails* como se fossem cartas, como se eu estivesse de volta à adolescência, esperando também por notícias suas. Espero que esteja bem.

Te amo,

D.

FÓRCEPS

Rôlm e Ófis formavam um casal complementar e, ao mesmo tempo, antagônico. Complementares porque o que sobrava em uma, faltava no outro; e antagônicos justamente porque, nesse jogo de sobra e falta, conviver era um tormento. Sim, o velho clichê dos opostos que se atraem, mas não se sustentam juntos.

Não eram de Quarentena, mas de cidades vizinhas. Namoraram a distância por anos, até que resolveram viver sob o mesmo teto e escolheram a cidade grande. Rôlm estranhou no início, apegada que estava à casa dos pais. Ófis também não ajudou em nada na adaptação: uma demanda atrás da outra, o dia inteiro, o tempo todo. Obrigava Rôlm a refazer coisas e se tornar, na marra, multitarefa: arrumava o novo lar ao mesmo tempo em que atendia aos pedidos do cônjuge. A rotina era pesada para ambos, e seus desejos só se encontravam em um lugar: a cama.

As poucas horas de sono pareciam cada vez menores conforme o tempo avançava. Ófis, antes metódico, ritmado e protocolar, era cada vez mais ansioso, atropelado e insaciável. Rôlm, que sonhava em colocar a vida em ordem, se via na missão de escolher entre a louça, a roupa e as exigências do companheiro. Discordavam em tudo: o horário do almoço, a divisão das tarefas, a atenção de um e de outro. O “juntamento” – que casar é coisa de velho – era uma bomba-relógio, que só não explodia porque de quando em vez o quarto se transformava em algo mais do que roncos.

Corria já o segundo bimestre dessa história quando, em um desses raros momentos de prazer, o látex falhou. E dessa falha se fez uma nova vida, que Rôlm só foi descobrir mais de um mês depois. O casal, que ainda não havia achado um ponto de equilíbrio entre o estranhamento e a calma, tornou-se ainda mais tempestade, com o tempero de um novo sentimento: a incerteza.

Não que não planejassem, mas agora? Agora só queriam encontrar algum bem-estar, entender o que eram juntos, sobreviver um ao outro em Quarentena; e de repente eram três.

O porvir exigia ainda mais demandas de Ófis, porque mais dinheiro, e aos poucos provocava a quase-estafa de Rôlm, destroçada entre hormônios e pratos sujos.

A gestação foi completamente atípica. Os procedimentos em Quarentena eram novidade para Rôlm, que muitas vezes questionava tanto intenção quanto eficácia. No primeiro mês, foi orientada a fazer consultas online para evitar riscos desnecessários ao sair de casa, mas nem os equipamentos e nem os documentos prometidos para realizar os exames e as consultas foram entregues.

No segundo mês, Ófis conseguiu um dia de folga e foi atrás de um cartão-maternidade prometido pelo governo. Encontrou burocracia e desencontro, preencheu formulários, mas só recebeu desculpas – a maior parte delas de olhos vazios.

Sem acesso aos recursos necessários e sem a possibilidade de uma gestação protocolar, Rôlm sufocava. Resolveu, no terceiro mês, que o risco do não saber ameaçava o futuro dela e da criança que aos poucos se formava em seu útero. Descobriu que existiam cadernos, entregues a todas as gestantes, que nunca tinham chegado. Deixou Ófis de lado por quase uma semana e foi atrás deles. Conseguiu

apenas o primeiro, que não correspondia mais ao que seu corpo lhe gritava.

O casal arrastou-se até o sexto mês de gravidez. Rôlm torcia para que o filho viesse logo, chegasse agora, e daí que antes da hora e sem nenhuma segurança de saúde? Ófis vivia em duplo abandono: não sentia a presença da companheira e já não sabia mais como recuperar a sua. Sozinhos na cidade, sem amigos, não tiveram tempo nem de organizar um chá de bebê.

E quando os meses eram ainda sete, as semanas trinta, Rôlm sentiu o líquido entre as pernas num domingo, às três da madrugada. Houve choro e correria, e pela primeira vez em muito tempo Ófis conseguiu encontrar espaço para dar atenção total à companheira. Correram para o hospital no banco de trás de um carro de aplicativo, Rôlm no colo de Ófis, contrações-calma-respira. Entraram porta adentro sem anúncio, que o rebento forçava sua chegada.

Pontual como um anúncio governamental, Edu nasceu às sete horas, junto a um sinal bizarro que soou no colégio vazio ao lado do hospital em pleno domingo. Veio ao mundo atônito, assim como a mãe, que não pode ver a cria: foi levado por especialistas, com promessa dos melhores cuidados.

Apartados do filho, os agora oficialmente pais esperaram. Por um sorriso, um alento, a atenção que nunca tiveram. Não viram mais que enfermeiras, por dois dias. No terceiro, um obstetra liberou, sem olhar nos olhos, a visita – não antes de um discurso infinito sobre o futuro “híbrido” de Edu, carregado de uma ternura inexplicável e irracional, como a dos piores românticos. Rôlm quis fazer perguntas sobre o que significava aquele “híbrido”, mas não encontrou ouvidos.

Esgotado, o casal se aproximou do vidro do berçário. Dentro da incubadora, o bebê prematuro, nascido como que de susto, tentava entender o mundo à sua volta, tão perdido quanto os pais. Rôlm e Ófis observaram Edu à distância e, sentindo o amanhã mais incerto que o choro atravessado do filho, entenderam o discurso do médico.

No lugar dos olhos, o bebê tinha duas pequenas telas. E, nas duas, a câmera estava fechada.

OFFLINE

08:00

O alarme do celular, aquela musiquinha pretensamente entusiasmante que ao invés de dar vontade de levantar faz querer dormir para sempre, toca. Com os olhos semicerrados, Souza aperta soneca. Aquele dia merecia mais sono.

08:09

Antes dos dez minutos, não dá mais para dormir. Talvez fosse a expectativa, havia feito aquele compromisso consigo mesmo há semanas, e só agora conseguia cumprir. Desligou o alarme e resolveu levantar, passar um café, um pedaço de bolo, um copo d'água, uma banana. Não era de comer muito de manhã, nem tempo dava. Mas hoje, sim. Hoje sim.

Enquanto os últimos goles daquele café preto, doce e forte desciam pela garganta, sentiu falta do celular. Lembrou do compromisso. De frente para a parede da cozinha, pensou no que fazer agora. O resto da casa dormia. Resolveu passear a cachorra.

Não estava acostumada a passear de manhã, a cachorra. Muito menos com ele. Souza quase nunca compartilhava com a mascote da casa, que por isso não reagiu quando ele pegou a guia. Foi preciso balançá-la e chamar três vezes para que o corpo acompanhasse a felicidade do rabo.

Aquilo era tão novo e, de certa forma, inesperado, que Souza esqueceu a máscara. Só lembrou na portaria. Subiu de volta, a cachorra sem entender nada, como assim, já acabou, e ele resolveu deixá-la do lado de fora do apartamento enquanto cobria o rosto no banheiro. Demorou menos de um minuto, mas foi o suficiente para ouvir aquele choro fininho vindo do corredor. Abriu a porta e lembrou porque sempre tinha adorado cachorros: foi invadido por pulos e lambidas, como se tivesse viajado para longe por anos. Pegou outra vez o elevador e, agora sim, rua.

Não tinha pressa, pela primeira vez em muitas passadas. Ditou o ritmo do passeio, sabendo que se dependesse da cachorra estariam correndo alucinados, e seguiu em linha reta pela rua de casa até o limite conhecido. Na esquina com a avenida que nunca tinha atravessado, pelo menos a pé, resolveu virar à esquerda, e depois à direita, e assim sucessivamente até encontrar pelo menos uma referência desconhecida. Descobriu um restaurante tailandês, e prometeu voltar um dia com toda a família. Começou a traçar o caminho de volta, tentando não repetir nenhuma rua. Parou na praça, onde a cachorra correu e cheirou a tudo e a todos, incluindo o único outro cão presente, enquanto ele admirava as nuvens. De dentro de um barraco, um morador de rua observava o passeio.

Abriu a porta de casa, a cachorra voou até o pote de água. De repente, a esposa.

– Onde você foi?

– Passear com a Preta.

– Até agora? Quase hora do almoço, já.

– Hoje é meu dia *offline*, você sabe disso.

– É, mas o almoço não é virtual. E eu tenho três reuniões hoje. E as meninas precisam comer, antes que...

– Tudo bem, tudo bem. Concentra no trabalho. Vou tomar banho e já dou um jeito nisso.

No chuveiro, enquanto deixava a água massagear suas costas, percebeu o tanto de limo entre os azulejos. Sentiu saudade da empregada. Faxina, cozinha, louça... bem que tentou mantê-la, mas foi convencido pela filha mais velha de que o risco era absurdo, para ela e para eles, e vai continuar pagando a Jéssica sim, que ela depende desse dinheiro. Aceitou a argumentação da filha, mas a obrigação de cuidar da própria sujeira era uma coisa nova. E ele nunca fora um homem de muitas novidades.

Saiu do chuveiro e foi para a cozinha. Precisava ser rápido. Apelou para o macarrão ao molho, fritou quatro hambúrgueres, misturou um suco concentrado em dois litros de água. Tempo perfeito. Assim que tirou o último hambúrguer da frigideira, ouviu a filha mais nova gritar:

– Mããããã, tô com fome!

Nem esperou a resposta da esposa.

– Tá na mesa, pessoal.

Comeram rápido. Hábitos adquiridos por toda uma vida, que ainda ocupavam corpo e mente mesmo quando a pressa já não era tão necessária. Souza tentou conversar, perguntou da reunião da esposa, ouviu que foi a chatice de sempre, podia ter sido um *e-mail*. A filha mais velha reclamou da escola, que um dia tem lição demais, no outro não tem nada, não aguentava mais assistir vídeo emocionado tratando aquela merda toda, merda mesmo, pai, sem moralismo, como se estivesse tudo bem. A filha mais nova, ouvindo a irmã dizer merda, repetiu, merda, merda, merda, e Souza quase perdeu a paciência com as duas. Lançou mão da estratégia da culpa, fez o almoço com carinho, gostaria de mais respeito à mesa, e as filhas prometeram não fazer de novo.

A esposa voltou para a sobrevivência virtual, as filhas foram para o quarto, e ele se deu o direito de tirar uma soneca no meio da tarde. Deitou na cama e dormiu gostoso, embalado pelos raios de sol daquele começo de tarde único em tantos anos de urgência.

Quando o sono entrava no seu vigésimo minuto, Souza sentiu um cutucão no ombro. Ouviu uma voz ao longe. Outro cutucão.

– Pai! Pai! Pai! Pai! Paaaaaaaai!

Era a filha mais nova. Semidesperto, respondeu:

– O-oi... quê...que aconteceu?

– Eu tenho lição de matemática.

– Hmmmm... e daí?

– E daí que eu não sei fazer! Me ajuda?
– Tem que ser agora?
– Tem, porque a aula é daqui a pouco e se eu não entregar a professora vai me dar mais lição e eu vou ficar atrasada e...

– Tá bom, tá bom. Vai ligando lá o computador que eu vou lavar o rosto e já vou.

A sensação de sono interrompido ameaçou deixar Souza de mau humor. Ainda mais que matemática, nunca foi o seu forte. Mas era a filha mais nova, a caçula, e a ternura daquele sorriso rapidamente dissolveu qualquer resto de amargor. Passou no banheiro, jogou água na cara e foi atrás da pequena.

– Vamos lá. A lição é sobre o quê?

– Raiz quadriculada!

Souza sorriu.

– Raiz quadrada, filha. E o que você tem que fazer?

– Calcular essas raízes quadricu... quadradas aqui, ó.

Olhou para o papel. Sabia as respostas, mas como ensinar a filha? Tentou explicar que um número ao quadrado, em matemática, era quando ele se multiplicava por ele mesmo.

– Mas... como que um número multiplica sozinho? Não precisa de uma “númera” pra fazer isso?

– Sem brincadeira, filha. Você entendeu?

– Acho que sim. Dois vezes dois, três vezes três, assim?

– Isso. A raiz quadrada é quando a gente faz o processo inverso. Pega o resultado e descobre qual número foi multiplicado por ele mesmo pra chegar nesse resultado.

– Nossa... mas como faz isso? Tenho que ficar tentando todos os números? E se o resultado for um milhão?

– Calma, filha. Pra isso você usa a divisão.

Enquanto observava o rosto concentrado da filha mais nova descobrindo a mágica da divisão, Souza se lembrou do próprio pai, e das tardes passadas em casa tentando aprender física, português, geografia. Sorte que essa geração pega as coisas bem mais rápido, pensou, enquanto a caçula se autoelogiava por conseguir fazer a lição.

Ao sair do quarto, Souza ouviu um choro baixinho. Era a filha mais velha, trancada no banheiro.

– Filha... tá tudo bem?

A filha girou a chave na fechadura e abriu a porta.

– Não, pai... o vô da Cristina morreu. Ela tá muito mal.

– Nossa, mas... como foi isso?

– Ele se contaminou, acham que foi no mercado.

Foi muito rápido.

– Que horrível, filha. E... vai ter velório?

– Não vai. E o enterro vai ser aqui em Quarentena.

A Cris não vai poder vir, porque ninguém pode sair de Isolamento.

– Filha... eu sei que é triste, mas... faz parte da vida.

– Parte da vida, pai?! Minha namorada tá super mal, eu não posso nem estar lá com ela. Não é justo!

Souza trouxe a filha mais velha para perto do peito e a abraçou, pensando em como a ideia do que é justo muda junto com a idade. Pensando no que falar, deu-lhe um beijo no rosto.

– Filha... não tem muito o que dizer pra tristeza. Precisa sentir, deixar doer, lidar com ela. Se quiser conversar, tô aqui.

– Brigada, pai. Acho que eu quero ficar sozinha um pouco.

– Tudo bem. Qualquer coisa, chama.

– Tá bom.

A filha seguiu para o quarto. Souza, com o coração aflito, percebeu que dormir não era mais uma opção. Lembrou da morte do pai, o enterro da avó, e percebeu como a perda ajudou a construir nele um outro sentido do que realmente importa. Torceu para que fosse igual com a filha, e se confortou com o fato de poder estar ali para ela. A esposa seguia trabalhando no escritório. Resolveu tentar a sala.

14:47

O meio da tarde não reserva muitas boas surpresas na televisão. Tentou uma reprise de futebol, mas não funcionou. Assistiu um capítulo de uma série adolescente, que só serviu para fazê-lo se sentir velho. Os programas policiais e jornais da tarde, tinha ojeriza. Começou a ver um filme, só para perceber, quase na metade, que já tinha visto, anos atrás. Lembrou do final, e não era bom. Começou a se desesperar por gastar tempo com aquilo, mas como assim, gastar, não estou com pressa, o tempo é meu, preciso mudar a chave.

Havia uma parede da sala para a qual Souza não olhava há muito. Era a parede onde ficava a estante de livros. Quanto tempo fazia que não lia um livro? Qual tinha sido o último? Não que não fosse uma pessoa de ler, não faltavam notícias no celular, e os *e-mails* e boletins da empresa. Mas um livro, com uma história, personagens, enredo, lá se iam... anos? Percebeu que uma parte significativa da estante tinha livros nunca abertos, dentro do plástico, comprados por ele, ou pela esposa, sabe-se lá quando. Por que seguiam comprando livros? Não soube

responder. Resolveu mudar a pergunta: por que nunca leram aqueles livros? Decidiu ler.

Só na primeira prateleira, eram cinco os livros que lhe interessavam: dois romances, uma biografia, um livro de contos e outro de suspense. Olhou para a segunda prateleira e encontrou mais três, todos eles sobre futebol. Desceu os olhos uma prateleira mais e descobriu outros quatro interesses. A estante tinha sete prateleiras.

Percebeu que, se percorresse todos os livros, não conseguiria escolher nenhum. Precisava estabelecer um critério. Talvez fosse melhor o mais curto, assim eu termino de ler hoje mesmo, mas então eu vou ler só por ler, pra completar tarefa? Não, vou escolher um que seja longo, que assim me obriga a criar hábito, mas olha aí, outra vez criando uma tarefa. Bom, eu sempre quis saber mais desse cara aqui, aí nunca mais vou ficar de fora das conversas da família, aquele bando de professor metido que acha que sabe tudo porque leu isso e aquilo, mas será que vale a pena ler pra poder confrontar os outros? Já sei, futebol, não tem erro, eu gosto, vai ser fácil, quer dizer, eu gosto de jogo, sei lá se quero saber quantos gols fez o fulano em cada time que ele jogou, ou por que a Copa de 1986 era pra ser na Colômbia e não foi, coisa de *nerd* isso, e...

– Tudo bem aí?

A esposa tinha terminado o expediente.

19:17

– E aí, como foi seu dia *offline*?

– Tá sendo ainda.

– Ah é, acaba que horas?

– Amanhã, ué.

- Entendi.
- E você, sobreviveu às três reuniões?
- Sobrevivi, mas ainda não sei se valeu a pena. Só quero comer e dormir.
- E o que quer de janta? Ainda tem macarrão.
- Ai, queria uma coisa mais gostosa. Vamos de pizza?
- Pode ser.

Comer pizza era uma das experiências de conforto já consolidadas na família. Metade portuguesa, metade marguerita, a receita do sucesso, mesmo quando a pizzaria não era das melhores. Resolveram pedir na de sempre, a preferida.

Depois da janta, Souza pensou em sugerir um jogo, mas já no último pedaço as duas filhas grudaram no celular. A mais velha voltou para o quarto, a mais nova sentou no sofá. A esposa foi tomar banho.

Enquanto tirava a mesa, uma sensação estranha formigou seu corpo. Parecia que não tinha feito nada, e ao mesmo tempo que não havia nada mais a fazer. Seu dia *offline* chegava ao fim, o único em mais de cem dias de pandemia, sempre a postos, sempre disponível. Aproveitou aqueles últimos momentos de si para celebrar a felicidade nas pequenas coisas: levou a filha para a cama, observou a esposa sair do banheiro de camisola, deitou com ela de conchinha e esperou-a pegar no sono rapidamente, enquanto fazia o “melhor cafuné do mundo”, palavras dela, a companheira de toda uma vida.

Cansado e, ao mesmo tempo, satisfeito sem saber por quê, Souza fechou os olhos, e adormeceu desejando que o sentimento de não-urgência daquele dia o acompanhasse até depois do próximo alarme.

08:00

Ao fundo, subindo devagarinho, aquela maldita musiquinha cintilante outra vez. E dessa vez Souza não podia apertar soneca. Levantou rápido, correu para o banheiro e, sentado na privada, ligou de volta o *wi-fi* do celular. Juntando as redes sociais, os *e-mails* pessoais e de trabalho e as ligações não atendidas, eram 1.089 mensagens, raiz quadrada 33.

Enquanto se virava para alcançar o papel higiênico, Souza olhou para o próprio rosto refletido naquela pequena tela preta. Fitou a si mesmo por alguns segundos, encostou a digital do polegar no sensor do celular, tocou na caixinha “selecionar todas” e apertou a descarga.

ENTRE

*Tem nascido menos children
do que se produzem carros.*

EDGAR, “O amor está preso?”, 2018

Em Quarentena, havia muitos carros. Sempre. Era comum que as garagens da cidade tivessem mais de um veículo dentro – afinal, cidade grande, destinos longínquos, transporte público caro e ineficiente. A solução era um carro para cada um, ou pelo menos dois carros para poder driblar o dia do rodízio. Essa realidade fez nascer comércio *drive-in* e *drive-thru* para tudo, e algumas famílias passavam mais tempo dentro de seus carros do que em casa.

Os Souza eram uma dessas famílias: amavam seus carros. O pai, a mãe e as duas filhas que, apesar de não dirigirem ainda, tinham passado tanto tempo dentro dos veículos que era como se fossem cômodos extra do apartamento. A mais nova, quando pequena, só dormia se fosse levada para dar uma volta de carro. A mais velha contava os dias para tirar a carta. Foi no carro que as duas escutaram pela primeira vez sua banda preferida, e foi na volta de um show, com a família toda reunida, que tiveram a ideia de começar um fã-clube, com direito a camisas personalizadas, página em todas as redes sociais e, a maior conquista de suas vidas, um vídeo gravado pelo vocalista agradecendo o trabalho delas, citando até seus nomes.

Foi um baque grande, então, quando a pandemia fechou tudo. Impedidos de sair, os Souza passaram meses sem entrar em seus carros, como tantas outras famílias de Quarentena. O trânsito da cidade, que há anos era o termô-

metro de sua saúde, diminuiu absurdamente. Obrigados a trabalhar como nunca, dava para perceber o sorriso dos entregadores de aplicativo mesmo debaixo das máscaras.

Em casa, não restavam muitas opções de lazer. Ninguém aguentava mais as *lives*, nem as da banda preferida. As séries de *streaming* não tinham mais temporadas. Os *replays* dos gols mais famosos da história já tinham sido exibidos dezenas de vezes. Já não existiam mais novos jogos de tabuleiro, de cartas, de videogame para explorar. Os pais seguiam trabalhando, ocupando parte do tempo, mas as filhas, depois de meses de aulas online, agora vagavam pelas férias decretadas fora de hora sem fazer quase nada.

Quando anunciaram aquele show *drive-in*, então, as duas foram ao delírio. Porque era a banda preferida e porque era uma novidade para explorar depois de tanto marasmo: dentro de um estádio, cada família em seu próprio carro, piscando os faróis e buzinando para simular os aplausos. O pai pensou duas vezes antes de comprar aquele ingresso, que custava mais da metade de um salário mínimo, mas cedeu aos olhares aflitos das filhas.

O dia do show foi também de reencontro com o carro principal da família. Souza pai deu-lhe um banho de mangueira, no estacionamento do prédio mesmo; a mãe Souza arrumou o resto de bagunça no interior; as filhas decoraram a lataria com pôsteres da banda. Saíram cedo de casa para evitar o trânsito, que aos poucos voltava a fazer parte da cidade.

Perto do estádio, a fila para entrar era grande, mas andava. Trinta minutos depois de chegar, estavam na porta. Cancela baixada, o atendente pediu o ingresso. Tudo certo.

Ou quase.

— O estacionamento custa oitenta reais, senhor.

— Estacionamento? Que estacionamento?
— Para ver o show. O ingresso garante apenas a entrada.

— Quê?! Que absurdo é esse?

— Estava escrito no contrato de compra que o senhor aceitou na internet, senhor.

Souza pai não tinha lido aquelas letrinhas minúsculas. E não se conformava em pagar estacionamento para ver uma banda tocar de dentro de um carro. A discussão esquentou. No banco de trás, as filhas se desesperavam. Pediram aos pais que pagassem logo, disseram para tirar da mesada. Ofereceram serviços domésticos por um mês. Encurralado entre a dignidade e o choro das duas, Souza pai resolveu pagar. Jogou no cartão de crédito, observou com pesar a cancela se levantar e avançou.

O corredor de entrada para o campo era estreito, feito para pessoas. O carro passaria apertado. Souza pai desacelerou, para poder prestar atenção nas distâncias laterais, mas deixou o volante escapar e acabou raspando o lado esquerdo na parede. Em um reflexo atrasado, querendo evitar o contato, jogou o volante para o outro lado, e viu seu farol direito bater com força contra o muro. Deu para ouvir os estilhaços. Souza pai tentou puxar o volante de volta, mas o carro não obedeceu. Deu ré, e nada. Olhou para trás, deu de cara com a expressão de incredulidade das filhas, que crescia conforme entendiam o que estava acontecendo, e baixou a cabeça.

Estavam entalados ali.

Antes que as duas caíssem no desespero, a mãe Souza chamou os bombeiros. Explicou a situação três vezes até que acreditassem nela. Desligou com a promessa, não sem risadas, de atendimento assim que possível. Seria preciso algo para disfarçar a espera.

Lembrou então do baralho de Uno, guardado no porta-luvas. Discursou sobre como era bom estarem de volta ao carro, juntos, em família, depois de tanto tempo; embaralhou e deu as cartas, sem deixar ninguém pensar muito. Souza pai, perdido entre a humilhação e o constrangimento, desejou que a carta “reverter”, a primeira que recebeu das mãos da esposa, pudesse ser usada na vida real.

Conseguiram distrair as filhas por três mãos, até que o relógio entregou a realidade: o show estava para começar.

De dentro do estádio, com o público apenas pela metade, os Souza ouviam buzinações à espera da primeira música. De fora, as buzinas raivosas de quem estava na fila e foi impedido de entrar por conta do acidente. O trânsito na região era o maior em vinte e sete anos. E os bombeiros não conseguiam chegar para tentar resolver a situação.

No meio daquele inferno sonoro, a filha mais velha reconheceu, ao fundo, um *riff* de guitarra. As buzinas dentro do estádio dispararam freneticamente.

Era sua música preferida.

O ÚLTIMO COPO

Eram quatro pessoas muito diferentes naquela casa ensolarada na esquina da rua Amazonas, nem tão longe nem tão perto do centro de Isolamento. O que os mantinha juntos sob o mesmo teto era exatamente o que tinham em comum: serem da mesma família. Uma família qualquer, como tantas outras na cidade, a mãe, a outra mãe, o filho mais velho e a filha mais nova.

A mãe, a mais velha de todas, era alegre, mas sisuda. Gostava de fazer rir, de contar causos da juventude, mas arrancar um sorriso daquele rosto era proeza que poucas pessoas conseguiam.

Uma dessas pessoas era a outra mãe, uma apaixonada. Pela mãe, pelos filhos e pelas coisas pequenas da vida, que ela transformava em prazeres gigantes. Até o que ninguém gostava, como lavar louça. Colocava uma música, cantava junto, e pode-se dizer que nenhuma panela do mundo gostou tanto de ser areada como as daquela casa.

O filho, mais velho que a irmã, sofria com a pecha de ser “o homem da casa”, que ninguém nunca lhe pediu para ser, mas que, de alguma forma, ele sempre entendeu que era seu dever. As mães usavam ora do humor, ora do terror para lidar com as machezas do moleque, que às vezes eram ridículas, às vezes só engraçadas mesmo. E o menino era um doce de pessoa quando não estava tentando ser o que não precisava.

A caçula, por fim, era uma incógnita. Sempre quieta, recolhida, uma típica criança que lia muito. Observava o mundo com aquela expressão de assombro, de absurdo, de incrível. Era dela a vez de lavar louça quando aconteceu.

– Mãe, derrubei um copo de vidro.

– Nossa, filha! Você se cortou?

– Não. Mas o copo sim.

– O copo sim?!

– É, o copo se cortou. Em vários pedacinhos. Recolhi todos.

A mãe foi até a cozinha checar. Nem vestígio de cacos. Olhou no lixo, os restos de vidro perfeitamente embalados em jornal. Era o penúltimo copo. Restava um e, fora ele, apenas as canecas de plástico e as xícaras, daquele jogo chique que uma das avós deu no casamento. Nunca tinham usado. Olhou para o armário e chamou a família na cozinha.

– Estão vendo aquele copo? Não é para ele sair dali. É o último, e só vamos usá-lo em ocasiões especiais.

A outra mãe balançou a cabeça.

– Que história é essa, mulher? Copo é pra usar. Se quebrar a gente compra mais. Aliás, vamos comprar já.

Sentou em frente ao computador e começou a pesquisar copos de vidro. Não encontrou nenhum cuja entrega demorasse menos do que noventa dias. As fábricas da cidade estavam fechadas, os estoques esgotados e os preços inflacionados. Contrariada, aceitou a regra.

Que, em pouco tempo, se transformaria em um grande problema.

É sabido desde a pré-história da humanidade que nada cria mais vontade do que as coisas proibidas. E a relação entre as quatro pessoas da casa foi aos poucos sendo

deteriorada pelo direito àquele copo proibido, transformado em santo *graal* em plena pandemia.

Já no primeiro dia de impedimento, o filho requisitou seu uso. Tinha passado na última prova virtual da escola no semestre. Ouviu da mãe que aquela não era uma ocasião especial o suficiente, e teve que beber seu *milk-shake* da vitória em um copo de plástico.

Dias depois, a outra mãe pegou o copo para beber água em uma teleconferência do trabalho. Não queria passar ridículo tendo que usar uma caneca. Foi impedida pela mãe e pelo filho. O copo voltou para o armário.

A única que não se movimentava por conta daquilo era a caçula. Nem sequer no próprio aniversário, completado dois meses depois do começo daquela guerra fria, fez menção de usar o copo. As mães e o irmão divergiam sobre o desinteresse da menina: elas achavam que era coisa da idade, enquanto ele tinha certeza que era culpa por ter quebrado o penúltimo copo.

De conflito em conflito, a vigilância e o controle se tornavam cada dia mais intensos. Qualquer barulho de líquido tocando um recipiente gerava quase automaticamente a presença de mais alguém na cozinha, para ver o que era. Todos os pedidos de uso do copo não eram considerados dignos o suficiente. E a única coisa que conseguia preenchê-lo, sem pedir licença, era a poeira. A mãe se tornava cada vez mais sisuda, a outra mãe tinha perdido metade do brilho no olhar e o filho mais velho se sentia ainda mais emasculado na função de homem da casa, tendo que beber suas vitaminas naquelas canecas com motivos de desenho infantil.

Matar a sede, naquela família, tinha se tornado também um assassinato contínuo do próprio orgulho.

Era uma sexta-feira à tarde quando outro conflito começou. O maior deles até então: a mãe pediu o copo para tomar champanhe, pois começavam as férias; a outra mãe queria o copo para fazer um *mojito* em homenagem ao aniversário de morte do pai; e o filho argumentava que precisava do copo para uma experiência da escola, embora se recusasse a dizer qual.

Enquanto os três discutiam asperamente na cozinha, cada qual com sua razão, a filha lia um livro de sua autora preferida no quarto. Interrompida pelos gritos, a menina colocou seu marcador de borboleta calmamente na página 43, fechou o livro e o colocou sobre a mesa. Vestiu as pantufas azul-bebê, caminhou para a cozinha e olhou bem nos olhos das três pessoas mais velhas da família, que sequer notaram sua presença. Sem dizer uma palavra, puxou o banquinho debaixo da mesa para conseguir alcançar a parte alta do armário, abriu a porta, pegou o copo e o atirou ao chão, sem nenhuma raiva, mas com toda a sua força.

O barulho do vidro se espalhando pelo piso ocupou completamente o silêncio decretado pelo ato da menina. Incrédulos e sem entender, todos os olhos da família se voltaram para ela.

– Ouviram isso? – perguntou a caçula, um sorriso no rosto maior do que o da Mafalda que estampava sua camisola.

E completou, de punho cerrado e erguido:

– É o som da liberdade.

COMIGO

Quarentena, 26 de março do Primeiro Ano.

Mãe,

eu pretendia escrever antes, mas não tive cabeça. Não dá para dizer que não tive tempo, o dia todo em casa. Inclusive, ficar em casa sem motivos para sair muda um pouco a cabeça da gente. Li algumas pessoas na internet falando em ansiedade. Eu sinto calma. Um oceano de calma. Parece que estou fazendo tudo mais devagar. Cozinho mais devagar, limpo o quintal minuciosamente, demoro a levantar, esfrego partes que nunca tinha notado antes durante o banho. De certa forma, talvez eu esteja me conhecendo melhor. É clichê, mas ouvi que isso é comum em Quarentena.

Observo bastante as bichanas. A Preta fica deitada por muito tempo, sempre perto da gente, sempre no mesmo cômodo. Tenho notado que ela às vezes sai do conforto para se estatelar no chão. Claro que ela não tem noção de nada disso, conforto, estatelar ou chão. Mas eu tenho, e talvez por passar tanto tempo com ela, mais do que nunca antes, isso me faça criar preocupação. Não está calor para ela preferir o chão frio. Será que ela está com dores? Quente? Com febre? Será que tem alguma doença pouco sintomática? Ou é a calmaria melancólica em Quarentena que deixa ela assim?

A Branca, por outro lado, parece mais feliz. Desde a morte da Zica, ano passado, ela parece mais feliz. Não pela morte em si, que elas viviam grudadas, mas porque desde então ela ganhou autorização para dormir conosco. Agora ela criou uma rotina: acordamos, ela mia e nos mostra o caminho até o pote de comida. Que nunca está vazio, mas ela quer a comida do sachê, aquela mais saborosa e mole para mastigar. Fica tão alucinada com isso que chamamos de “drogas”. A Branca adora as drogas dela – mas nunca come tudo, como uma boa gata. Acaba que a Preta ganha os grãosinhos que sobram. Depois disso, ela toma sol no quintal – a Branca. E passa quase todo o dia dormindo, cada hora em um canto, até que chega o fim da tarde e ela pede as drogas dela de novo. Quando vamos para a cama, ela vem ronronando e se acomoda entre as pernas e braços, cada vez de um, fazendo ser muito difícil se mexer durante o sono. E assim no outro dia. E no outro.

Como será que elas vão reagir quando a gente não estiver mais em Quarentena?

Falando nisso, parece que as regras endureceram nas ruas. Olho da varanda e vejo muito menos gente. Quase tudo fechado. Baixaram um decreto muito parecido com o de Isolamento, ainda que lá você esteja proibido de sair e possa tomar multa ou mesmo ir preso. Aqui em Quarentena ainda não é assim, só para os comércios “não essenciais”, seja lá quais eles forem. As pessoas podem sair, mas não saem, porque ninguém quer ir para Isolamento, ou pior, ser levado para Colapso ou Morte. Pelo menos aqui no centro. Dizem que na periferia ainda há mais gente na rua, e até o tráfico de drogas está fazendo toque de recolher. Em um bairro mais para o sul, os moradores se organizaram e criaram uma brigada voluntária, que aconselha rua por rua as pessoas, principalmente os mais velhos, a ficarem

em casa e respeitarem os “procedimentos”. Cada rua tem inclusive um “presidente”. Fizeram isso porque sabem que não dá para esperar nada do governo, que por ali sempre apareceu na forma da polícia, para matar e prender. E muito menos do presidente – o da república, no caso.

Mãe, o presidente aqui é um ser indescritível, um “acidente genético”, como eu li outro dia. A face de um projeto de poder dos mais cruéis que já vi, ou pelo menos vivi. Outro dia ele veio a público em cadeia nacional pedir pela volta da circulação de pessoas nas ruas, mesmo sabendo que se as pessoas saírem podem acabar em Isolamento, Colapso ou Morte. Enquanto isso, ele nem sequer está em Quarentena. É uma tática de manipulação realmente impressionante, uma forma de genocídio sofisticada. O lado bom é que parece que cada vez menos gente acredita nele, embora muitos continuem seguindo suas bravatas e, sem saber, caminhando para o abate. Tem muitas famílias rompidas por conta disso. E também muita confusão nos discursos e nas ações.

Esses dias um amigo me perguntou se eu acho que poder ficar em casa é um privilégio, que muitos não têm. É uma discussão difícil essa. Costumo pensar em privilégio quando ele está sustentado por uma estrutura, muitas vezes anterior mesmo ao nascimento de uma pessoa ou do grupo ao qual ela pertence. Se sair às ruas oferece risco, negar a uma parte das pessoas o direito de ficar em casa para se proteger não significa exatamente privilegiar o restante. Mas essa discussão entre privilégio e direito é bem complicada, porque de várias maneiras o meu direito de ficar em casa está relacionado aos privilégios que eu tenho por ser homem e ter crescido na classe média e alcançado uma profissão pública – ainda que exatamente por ser pública ela me sujeite às regras governamentais, e

se me mandarem voltar para o trabalho eu tenho que ir. Lembro bem de você tendo que ir trabalhar de madrugada por conta de um deslizamento de terra ou algum outro acidente que, de tão previsível, nem deveria ser chamado de acidente. Você era minha heroína, mãe. Sempre foi. Continua sendo.

Acabei dizendo para o meu amigo que falar em direito negado é mais fortalecedor em termos de classe do que falar em privilégio, uma perspectiva que nos divide, ainda que sejamos todos trabalhadores. Privilégio, penso eu, tem esse monte de rico e de celebridade que fica postando vídeo agradecendo Quarentena por ter tornado “todos iguais”, cantando música bonitinha, fazendo *selfie* na banheira cercado de rosas. Pior que esse discurso acaba contaminando boa parte das pessoas mais afetadas pela situação, que estão criando expectativas de, quando o risco de sair às ruas passar, tudo voltar ao normal, ou ainda se tornar melhor e mais justo. Como se Quarentena e suas regras, por si só, fossem capazes de derrubar séculos de desigualdade. Quem dera.

Acho que dá para torcer para que esse sentimento todo agora gere alguma ação depois. Bom, de certa forma já está gerando, as brigadas que eu citei são um exemplo, mesmo que a motivação tenha sido a necessidade. Tem outros exemplos acontecendo também. Vou tentar ser mais otimista, prometo. E fazer alguma coisa nesse sentido. É o mínimo para quem cresceu cercado por pessoas que passaram por um inferno tão ruim ou pior que esse e foram para a briga. Vocês são foda.

Estou com saudades, mãe. Já disse isso no primeiro *e-mail*, não é? Mas é que elas estão sempre aqui, comigo, e eu acabo passando parte dos dias pensando na nossa casa, quando estávamos todos juntos sempre. Lembra quando a

Lu e eu íamos com o pai fazer compras no mercado, e ele dividia a lista para ir mais rápido? Acho que ele odiava ir ao mercado, mas a gente que era criança adorava. E a locadora aí em frente, onde a gente alugava os filmes na promoção, ficava com eles uma semana e só lembrava de assistir no último dia? São muitas memórias felizes, mas ficar pensando nelas muitas vezes me deixa mais triste de estar em Quarentena. Para evitar a tristeza, tenho lido bastante. Criei uma pasta aqui no computador chamada “Quarentena”, só para salvar coisas que quero ler enquanto estou por aqui. Faz tempo que não leio tanto. E, como deu para perceber, escrevo também.

Como estão as coisas por aí? Espero que esteja se cuidando. Você sempre foi teimosa, na mesma medida em que é responsável. Fico feliz de perceber que aprendi muito disso contigo, o suficiente para saber que, por mais duro que seja, melhor “aquietar o facho” aqui em Quarentena do que acabar em Isolamento, Colapso ou Morte.

Vai passar, mãe. E sairemos disso bem mais fortes.

Até o próximo abraço – vai ser o maior de todos.
Te amo,
D.

DESENGANO

– Larga essa mala, Marta.

No mesmo instante em que Vicente fez menção de segurar a bagagem da quase ex-namorada, seu telefone tocou.

– Atende, Vicente. Vai que é importante. Tudo nesse seu celular é sempre importante. Atende e me deixa ir embora, por favor.

Os olhos de Marta pareciam apagados, como ele nunca tinha visto. Titubeou por três toques consecutivos, uma mão na mala, outra no bolso, e resolveu atender.

– Boa tarde, por favor, a Alice?

Outra vez isso. Outra vez. Explodiu:

– Porra, eu já falei que não tem Alice nenhuma aqui. Não aguento mais vocês me ligando.

– Senhor, não precisa ser grosso.

– Precisa sim, pra ver se vocês param de ligar.

Desligou o celular com raiva e percebeu que, a essa altura, Marta já estava no elevador, de onde gritou:

– Pode parar de fingir já, Vicente, fica com a sua Alice. Até nunca mais.

Vicente preparou a resposta, mas a porta fria de metal fechou na sua frente. Aquilo era inacreditável: o fim de um namoro de quatro anos por conta de um maldito engano, repetido infinitamente nos últimos seis meses, cada vez de um número diferente. Não adiantava bloquear: quando menos esperava, a procura por Alice voltava, e

de tanto escutar seu nome Vicente sentia como se a conhecesse. Marta também. Fez de tudo para que a então namorada acreditasse que era só isso, um engano, mas a agora ex tinha certezas incuráveis, e se orgulhava delas.

Sozinho no apartamento depois de tanto tempo, Vicente olhou para o celular. Mandou mensagens, não foram recebidas. Provavelmente bloqueado. Ligou: a mesma coisa. Cogitou ir atrás dela, mas tinha quase certeza de que ela iria para a casa da mãe, em Quarentena, e ele não podia se dar ao luxo de pagar uma passagem de ônibus para fora de Isolamento. O desemprego já somava mais tempo do que o engano, e as reservas financeiras se aproximavam do fim.

O vazio do dia a dia sem ocupação, Vicente preencheu com a solidão. Passou a primeira semana no quarto. Tudo lembrava Marta: o cheiro no travesseiro, os quadros na parede, o armário que ela escolheu. Tentava colocar a ex para fora chorando, mas não tinha lágrimas o suficiente. Olhava para o celular o tempo todo, cogitava ligar e desistia, caçava fotos antigas nas redes sociais. O bloqueio era completo: só pôde recuperar os momentos que havia postado ele mesmo, e apesar de ter o celular sempre a mão nunca fora alguém de registrar publicamente as memórias. Assim que eram poucas, insuficientes, menos do que a corda imaginária que estrangulava seu pescoço exigia para deixar-se afrouxar.

No sétimo dia de fossa, o celular vibrou. Ele, sentado na privada, ouviu o tremer do tampo de vidro da mesinha-do-lado-da-cama e correu de calças baixas para atender. Do outro lado, ouviu uma voz feminina:

– Boa tarde, a senhora Alice?

A última gota de expectativa escorreu entre seus dedos. Desligou o celular e deixou que seguisse seu cami-

nho rumo ao solo. Olhou para as calças abaixadas, mãos na cintura, e de repente teve um impulso: resolveu dispensá-las de vez.

Nu da cintura para baixo, Vicente abriu o guarda-roupa e achou uma saia rosa, listras brancas, a barra desfiada, esquecida pela ex-namorada. Vestiu-a e passou o dia com o vento passeando por entre as pernas, uma sensação que só sabia existir pelo alívio que via em Marta quando chegava do trabalho, abandonava a roupa social e vestia saia-chinelo-e-blusinha.

Naquela noite, Vicente percebeu, ao dormir, que de alguma forma o sentimento de uma tonelada que carregava no estômago tinha mudado. Para melhor.

Ao acordar, pôs a saia outra vez. Olhou para o guarda-roupa e encontrou uma blusa de alcinha, a Mafalda de estampa, que não lembrava de ter visto Marta usar com aquela saia nenhuma vez. Vestiu e coube perfeitamente, assim como suas camisetas sempre vestiam a ex-namorada com exatidão. Desfilou pela casa com o novo traje e se sentiu bem, como não há muito tempo.

Entrou no banheiro e de repente a barba não fazia sentido. A lâmina de barbear entrou em ação. Terminou de limpar o rosto e pensou, porque não o corpo todo? E de um pulo se fez nu para entrar no banho, ele, a lâmina e os pelos todos. Saiu liso, e leve.

Colocou outra vez a roupa da ex e prendeu o cabelo comprido com dois elásticos que achou em cima da pia, metade para cada lado. Ficou feio. Pegou a tesoura e cortou logo uma franja e um *chanel*, com um esmero que nem sabia que tinha. Aproveitou o embalo e os cosméticos deixados para trás e fez os olhos, um risco de cada lado, e passou um batom vermelho-passarinho nos lábios. Pela primeira vez em anos, talvez quatro, talvez trinta,

o próprio corpo não parecia um penetra na festa que lhe ensinaram a chamar de vida. Sentiu um calor por dentro que fez lembrar o primeiro beijo, e correu para o quarto para se observar no espelho de corpo todo.

De frente para a porta do armário aberta, com os olhos percorrendo cada detalhe do reflexo mais verdadeiro que já tinha observado de si, ouviu o telefone tocar. Sem desviar o olhar, esticou o braço até o aparelho e atendeu, sem olhar a quem.

Do outro lado, uma voz conhecida perguntou:

– Bom dia, eu poderia falar com a Alice?

Vicente suspirou por um segundo, e finalmente entendeu a chamada.

– É ela.

– Finalmente!

VALSINHA

Acordava e ele já não estava mais lá, todo dia era assim – em compensação, aquela cachorra espoleta não podia nem esperar ele abrir os olhos que já vinha toda cheia de lambida e esfregação, subindo na cama logo pela manhã. Dava um safanão na coitada, que era para espantar de uma vez as lambidas e a amargura, e voltava a dormir, ou pelo menos tentava. Entre outras coisas, não queria levantar porque sabia que no momento em que levantasse começaria a ser seguido pela casa toda, fizesse o que fizesse, por aqueles olhos pidões, o rabo abanando, as orelhas em pé. Incrível como esse bicho é carente, não podia nem ir ao banheiro, era fechar a porta e começar a escutar aquele chorinho doído, baixinho, que até fazia o xixi sair mais rápido, de culpa. Pior quando resolvia cozinhar, porque aí a cachorra era esperta, sentava em frente a pia e ficava esperando qualquer coisa que caísse, uma casca, um papelzinho, até mesmo cebola ela pegava, mesmo que depois ficasse espirrando enquanto mastigava, era até engraçado.

Passava o dia sozinho desde que chegou a Isolamento, ele e a cachorra, ele vendo aqueles programas de baixaria e a cachorra pedindo, ora carinho, ora comida, ora atenção, brincalhona que era. Tirava os chinelos para pôr os pés em cima do sofá e, quando olhava, lá estava ela, na casinha, roendo a borracha e abanando o rabo. Vinha a bronca, um tapinha, que é para ela aprender, e os olhos da

bicha ficavam naquela tristeza, de quem não sabe por que está apanhando. Não se deixava comover, que cachorro é bicho safado, e voltava logo para a TV, para assistir aqueles documentários sobre fugas espetaculares – da prisão, de um navio, até de um submarino, como é que pode.

Lá pelas quatro da tarde a cachorra explodia. Não sabia mais se era ele que acostumara com a correria da danada, ou se era a cachorra que tinha se acostumado com aquele horário, esperta que era. Sabia que ele não aguentava a bagunça e logo pegava a coleira, e pronto, iam passear, mesmo sendo perigoso sair de casa, assim, no meio daquilo tudo. E olha que ele não gostava de passear com bicho, onde já se viu, se um ser de outro planeta visse aquilo ia achar que quem mandava era o bicho, que cagava onde queria e deixava para ele a responsabilidade de recolher. Mas achava mil vezes melhor sair com a cachorra do que ter que limpar cocô de bicho dentro de casa, aquele cheiro ruim, também, essa cachorra come tudo que cai no chão, só pode. Dava uma volta no quarteirão e pronto, ela cansava, de tanto tentar pular nas pessoas e cheirar os outros cachorros, que também passeavam por aquele horário. Vai ver era uma coisa da espécie, um combinado genético feito para que pudessem todos se livrar da prisão domiciliar e ter um lugar de encontro na rua, àquele horário, que cachorro não quer saber de pandemia. Era forte, a danada, ele tinha que dar uns trancos na coleira a todo instante, senão a bicha atravessava a rua no lugar errado ou entrava na garagem semiaberta de onde acabava de sair mais um carro.

Na volta para casa, ao menos, sabia que a cachorra ia dormir, não sem antes correr todos os cômodos para checar seu território, ver se ainda era o mesmo. Cheirava aqui e ali, bebia água, subia na cama, sai daí, bicho safado,

descia, encostava no pé do sofá e dormia. Para ele, era o sinal: estava na hora de fazer a janta, que logo ele ia chegar. Todo dia pensava em fazer algo especial, para ver se ele se animava, que o trabalho cansa as pessoas, ainda mais assim, correndo risco por conta de chefe ganancioso. E cozinhava cantarolando uma música qualquer, a última que tivesse grudado na cabeça de tantas vezes que a ouvira na rádio, na TV, nas *playlists* da internet. As rádios pareciam reforçar a sensação de que os dias eram todos iguais, tocavam sempre a mesma coisa, num totalitarismo sonoro que conquistava palmo a palmo os lugares da mente que não estivessem ocupados com as musiquinhas de comercial. Ou vai ver as músicas é que hoje em dia são todas iguais, vai saber. Acabava que a janta também saía quase sempre a mesma.

Perto das sete horas, a panela de pressão assoviava, como um sinal de fábrica: a janta estava pronta, e ele estava para chegar. Tomava um banho, que era para tirar o suor e o cheiro de alho, e arrumava a mesa, duas facas, dois garfos, dois copos, dois pratos, tudo dobrado, um para cada um, e a cachorra, a essa hora já acordada pelo cheiro que vinha da cozinha, tentando subir nas duas cadeiras, sai daí, bicho safado. Ficava com ela a esperar, os olhos na mesa e os ouvidos na porta, condicionados que eram pelo estalar da fechadura. Às sete e quinze, quando ele entrava, era a cachorra a primeira a dizer oi, com as mesmas lambidas e chorinhos da manhã, que para bicho as horas não fazem sentido, hora de dormir, de comer, de brincar. Ele recebia a danada com festa, nem sempre muita, mas o suficiente para fazer com que ela largasse sua perna e subisse no sofá, com a bolinha entre os dentes, na sua valsinha particular. Ele, que era humano e sabia se controlar, esperava a festa acabar, sentado no sofá, olhos

fixos na TV, disfarçando a esperança de que o beijo dessa vez fosse na boca, e não na testa.

Mas nunca era, e depois daquele oi gelado ele sempre ia para a frente do computador – era como se os cheiros, da janta, da cachorra e do perfume dele, de banho tomado, passassem em branco pelas suas narinas, cansadas que estavam pelo cigarro, não dele, mas dos outros, que ele era o único que não fumava no escritório. Jantavam em silêncio e ele ficava ali, em frente à tela, vendo as últimas notícias sobre a crise na indústria de copos de vidro ou qualquer coisa do tipo, sem nem perceber que ele, no sofá, enxugava disfarçadamente uma lágrima que, todo dia, insistia em cair. A cachorra, àquela altura já no seu colo, se esforçava para tentar lambê-lo, em retribuição ao afago que finalmente recebia.

A festa, com vergonha de entrar, nunca passava da porta, e ele se perguntava se o amor não era também um vírus, incurável para a cachorra, e já assintomático entre eles dois.

PRETA

Ela nunca teve noção de tempo, então não sabia há quanto. O fato é que era muito. Sempre era muito. Nesse caso, pior, pois olhares, aflições, ansiedade, eles já tinham trocado de tudo a distância. E nunca entendera bem por quê. Tanto tempo em casa, sem poder sair, como aquilo tudo aconteceu? Era passado, e o agora era finalmente de encontro outra vez.

Banho tomado, cheirosa, arrumada. Aquele lacinho fofo na cabeça. Faltava pouco. A hora de sair nunca fora tão aguardada.

Quando o portão do prédio se abriu, ela o avistou, ali, do outro lado da rua. Tão perto!

Atravessou correndo, tomada por um frenesi explosivo, até fazer contato.

Trocaram cheiros por trinta segundos, o suficiente para ela guardar para sempre o odor daquele cu. E foi tudo: seus donos puxaram cada coleira para um lado, com a dureza típica dos cidadãos em Isolamento.

CONOSCO

Quarentena, 4 de abril do Primeiro Ano.

Mãe,

outra vez, não sei por que demorei para escrever. Quer dizer, nove dias não é exatamente demorar, mas para quem não sai de casa parece que foram nove meses.

As coisas continuam em Quarentena como antes, a rotina segue parecida, mas alguns acontecimentos me fizeram pensar bastante nos últimos dias.

Saí de casa algumas vezes desde que escrevi por último. De dia e de noite. Fui passear a cachorra, fazer compras no mercado, à farmácia. Cada uma dessas saídas me deixou pensando coisas diferentes. Na primeira, com a Preta, dei uma volta curta aqui por perto e parecia que era domingo em plena terça-feira. Quase tudo fechado, metade da rua ensolarada, poucos carros. Coisas não muito comuns quando assistimos a filmes que se passam em Quarentena, sempre cheios de carros, correria, trânsito e cinza. Fiquei tentando me lembrar de um filme pelo menos em que Quarentena não fosse cinza. Não consegui.

Na segunda saída, dessa vez à noite, a vida parecia ter sido suspensa. Pelas ruas, apenas Sobreviventes, que é como eles chamam as pessoas pobres e de rua em Isolamento e em Quarentena. Chega a ser irônico que em lugares tão reclusos quem ainda sai às ruas seja chamado de sobrevivente. Sobrevivem porque não respeitam a

reclusão, ou não respeitam a reclusão porque precisam sobreviver? Fui pensando nisso no caminho até a farmácia e na volta dela. Em algumas ruas, me vi em um daqueles filmes de zumbi, dava para sentir uma certa hostilidade no ar – e dessa vez ela não vinha dos carros. Olha eu falando de filmes de novo. É que temos assistido muitos deles, a maioria ruim. Você sabe que eu adoro filme ruim. Mas esses não estão me dando muito prazer, assim como essa ida à farmácia. Desde que chegamos a Quarentena, não lembro de me sentir tão sozinho quanto nessa caminhada.

A terceira saída foi até o mercado, no dia seguinte a um dos pronunciamentos do presidente, que continua fora de Quarentena. Convocou as pessoas às ruas de novo, disse que os comércios deveriam reabrir e as escolas idem. Tudo que é tido como “não essencial” está fechado, mãe, mas nesse dia muitas lojas de carro estavam abertas. Curioso como logo as lojas de carro resolveram abrir depois do chamado do presidente. Talvez viver em seus carros em Quarentena seja mais essencial do que todo o resto. Ou talvez o culto ao automóvel particular por aqui seja tão forte que os primeiros a desrespeitarem as regras de reclusão sejam aqueles que idolatram seus veículos. O fato é que, com as pessoas reclusas, nesse dia parecia que eu não estava em Quarentena, tanto pela quantidade de gente na rua quanto pela de carros. O que me levou a pensar que, de certo modo, qualquer um que viva em Quarentena e não adoça já mereça ser chamado de sobrevivente.

Minha última saída foi de novo com a Preta. Nunca vou muito longe de casa com ela, para não correr risco à toa. Por aqui onde vivemos a polícia ainda não reprime com violência quem quebra a reclusão, mas vi alguns vídeos e li relatos de coisas horríveis acontecendo em outros bairros. Esse passeio com a Preta foi também pela história, já que

era data de aniversário do golpe civil-militar que tomou o poder e se encastelou por mais de vinte anos por aqui. Em Quarentena, a democracia ficou em segundo plano por muito tempo. Não que eu seja um grande fã da democracia, pelo menos não dessa democracia que só representa os interesses econômicos dos bilionários, mas a ditadura deixou muitas marcas na sociedade por aqui, algumas delas nunca superadas. Lembrei de você e das histórias que me contou de quando era militante, dos amigos que desapareceram, foram presos e torturados. Foi bastante simbólico passar pelo aniversário da ditadura em Quarentena tendo que respeitar regras estritas de reclusão.

Falando em aniversário, a Má e eu completamos quatro anos juntos. Foi a primeira vez que passamos nossa data em Quarentena. Mas foi tudo bem, principalmente porque nossa casa por aqui é muito confortável. Não é grande, nem pequena, é do nosso tamanho, veste a gente direitinho. Bate muito sol, o que é fundamental em meio a tanto cinza. E nós conseguimos organizar ela bem do nosso jeito. A gente se sente muito bem aqui. Fico pensando em como isso mudou a minha vida e a minha relação com o estar em casa e na rua. Eu gosto muito de estar em casa, entrar em casa, ficar em casa. Talvez por isso não me veja tão desesperado pela rua quanto alguns amigos, principalmente os que estão sozinhos aqui em Quarentena. Sinto saudades principalmente dos dias de futebol, mas mesmo neles grande parte da minha satisfação era voltar para casa.

Mãe, esse sentimento de gostar de casa me leva de volta às ruas e aos Sobreviventes. Em todas as minhas saídas por aqui, voltar para casa me pareceu ao mesmo tempo um alívio e uma injustiça.

Você lembra quando eu era adolescente e saía toda sexta com os amigos para distribuir comida e conversar com a população de rua no nosso bairro? As coisas por aqui, hoje, parecem muito com aquela época. A diferença é que, em Quarentena, não tem os amigos para uma ação de solidariedade como essa. Estão todos em suas casas, com medo de terminar em Isolamento. Estamos.

Não vou terminar dizendo que estou com saudades. Porque eu estou, e dizer isso deixa esse sentimento pelado, nu, exposto. E eu não gosto muito de expor certos sentimentos. Desde que o pai morreu, chorar pelas coisas pareceu perder o sentido. Você sabe disso. Mas de uns anos para cá eu tenho reaprendido a chorar, e entendido melhor a importância disso. Só que a forma como me sinto depois de chorar me deixa mais pesado do que eu gosto de estar para passar os dias em Quarentena. Então eu prefiro enfiar um casaco nos sentimentos, pode ser aquele que você me deu e sempre pergunta se estou usando, e deixá-los bem encapotados e seguros, longe do meu inverno sentimental. E deixo para tirar a roupa de uma certa plenitude que me possui quando lembro do seu abraço, do seu cafuné e das suas perguntas intermináveis quando eu chegava em casa.

Por tudo isso, mãe, não vou terminar dizendo que estou com saudades. Estou com vontade de te ver, isso sim.

As saudades, quero deixar em Quarentena.

Te amo,

D.

O SONHO DE SALETE

O girar da chave na fechadura ressoou no ouvido de Salete. Esperou por alguns segundos e o barulho, aquele maldito barulho do portão batendo, que esses moleques adoram largar a mão, não veio. Tão aprendendo, pensou, e correu para a janelinha da porta de entrada. Tinham saído, tá doido, esses dois saem quase todo dia, pelo menos saem de máscara. Colocou os óculos, abriu a porta e sentiu o cheiro. Nada.

Desceu o primeiro degrau e observou as rachaduras do tempo. Havia água nelas, um resto, o que trazia dúvidas. Por que raios não usavam cândida? Com cândida sim, dá pra saber que a coisa foi lavada, e bem lavada, como ela fazia desde pequena, que a mãe mandava, ai se não fizesse. Foi com a cândida que aprendeu o que era um cheiro forte, de rasgar o nariz, sinônimo de limpeza mesmo. Não aquele restinho de água, se bobear nem sabão colocaram nisso aqui.

Outro degrau mais e encontrou pelos, claro que da cachorra deles. Nem varrer conseguem direito, como pode, já não são assim mais tão jovens, deviam saber pelo menos usar uma vassoura. Vai ver ela deixou na mão dele de novo, homem não sabe limpar, homem serve pra trabalhar fora, e olhe lá, Deus me livre homem na minha cozinha, essa vida de casal moderno não é pra mim não. Lembrou de quando era adolescente e dizia que ia morar no Bairro Alto, a mãe provocando que só se casasse com

marido rico, ela dizendo que ia trabalhar e comprar ela mesma, tão inocente, até vestibular quis fazer. Se fosse hoje, quem sabe, essa menina aí ouvi dizer que tá fazendo mestrado, quem manda ela falar no telefone no quintal, não tenho culpa se dá pra escutar. Mas também é isso, vai estudar e quem cuida da casa? Ele, olha aí o resultado.

No fim do primeiro lance da escada, aqueles três passos de corredor, encontrou uma lasca de tinta da parede. Mas nossa senhora, de novo eles descascando essa parede, eu vi já ele passando rodo, parece briga de foice no escuro, socorro. Bom, pelo menos quer dizer que jogaram água mesmo, mas custava uma cândida, não é pedir demais, sabe, só a cândida já ajuda muito, olha essas manchas, a cândida tira tudo. Ou então um desinfetante, quer dizer, acho que até usaram, aqui mais pra baixo dá pra sentir alguma coisa, mas que miséria né, na minha vez também não vou nem chegar perto da entrada do apartamento deles, gente folgada essa.

Deu mais uma fungada, o cheiro de limpeza da escada se misturou com o da pamonha na panela e ela lembrou, precisava subir, que daqui a pouco o Rodrigo chega pra pegar a segunda leva, não sei que que ele inventou agora de vender no Bairro Alto, aquele bando de gente esnobe, nariz empinado, pior lugar de Isolamento de longe, se não fosse essa pandemia eu fazia ele parar de ir. Apressou o passo em direção à porta de entrada.

Vistoriava o último cantinho da escada quando viu a sombra de alguém se aproximando pelo lado de fora. Os vizinhos tinham voltado. Não queria dar de cara com eles. Saiu correndo escada acima de volta para casa.

No penúltimo degrau, um dos rebocos feitos pelo marido cedeu, o pé escapou, e ela rolou de volta até a

porta do prédio. Viu tudo preto por alguns instantes, a cabeça girando, o cheiro de milho com desinfetante, e começou a ouvir vozes chamando de longe. Tentou abrir os olhos e não conseguiu, e de repente estava na casa da mãe outra vez, a novela, os quartos, a cor das paredes, a janela, a televisão, até o micro-ondas que nunca tiveram, coisa de gente bacana mesmo. Viu passar à sua frente o famoso filme da própria vida, ela crescendo e se formando veterinária, primeiro um consultório no Bairro Baixo, depois a cobertura no Bairro Alto, e nada de marido rico, casou foi com o Rodrigo mesmo que ela amava, médico cardiologista, dois filhos, férias fora do país todo ano, e nunca mais precisou esfregar um degrau de escada, que o prédio tinha elevador privativo.

Estava no meio de um jantar à luz de velas com o marido quando sentiu alguém cutucar seu ombro, o cômodo todo girando, os olhos abrindo lentamente para ver o lustre da sala, o mesmo que ela desenhava em tudo que era caderno da escola e dizia para Deus e o mundo que seria assim quando morasse no Bairro Alto. Quando finalmente recobrou a consciência, percebeu que estava no sofá de casa, Rodrigo ao seu lado, perguntando se as pamonhas estavam prontas.

Levantou rápido para desligar o fogo e ouviu do lado de fora o roçar da piaçava contra o piso, o vizinho esfregando a escada enquanto cantarolava baixinho uma música que ela não conhecia, mas que parecia uma dessas coisas que os jovens ouvem hoje em dia, Jesus, cada coisa horrível, só não é pior do que essa escada sendo lavada desse jeito, apostou que nem cândida tem nessa água.

PAMONHA

A divisa entre o Bairro Baixo e o Bairro Alto em Isolamento não era muito exata. Alguns apontavam para o óbvio acidente geográfico, aquele declive todo, morro acima, morro abaixo, mas isso só funcionava no passado. Outros citavam a clara diferença entre os prédios novos de cima e as casinhas antigas de baixo, mas as décadas de levanta-derruba-reconstrói por entre os bairros tinham bagunçado tudo. Dava para enxergar lá de cima as novíssimas casas com piscina da parte baixa, enquanto a infestação de varandas gourmet gritava aos olhos de quem levantava a cabeça no pé do morro. Morro que só existia mesmo nas ladeiras e na lembrança, debaixo de tanto concreto. Em pleno século XXI, alto e baixo tinham deixado de ser referências altimétricas e se tornado conceitos confusos, “polissêmicos”, diziam os acadêmicos, e entre os dois bairros a especulação imobiliária inventava nomes: Novo Bairro Alto, Bairro Médio, Baixada Gourmet, High Low Village, Baixo Garden.

Nessa geografia conflitante, quem acabava por decidir onde terminava um bairro e começava outro eram os próprios moradores. E dentro dessa disputa, havia símbolos, coisas que “só tem aqui” e coisas que “aqui não”.

O carro da pamonha era um desses símbolos.

Não tinha nada a ver com a pamonha em si, coitada, que nem de Isolamento era, vinha lá de Piracicaba,

que todo mundo conhecia e ninguém sabia ao certo onde ficava. Mas comida que se vende de dentro do carro, aos berros, não é comida de bacana, então o som daqueles alto-falantes demarcava o território muito mais do que qualquer CEP.

Por décadas, tanto quem morava em cima quanto quem morava embaixo recorria ao carro da pamonha para falar de onde veio ou de onde definitivamente não veio, marcando gerações em Isolamento. Vizinhos, às vezes de porta, juravam um que comia pamonha todo dia e outro que nunca tinha visto o carro passar. Não era só um marcador de classe, era um prêmio, uma conquista, uma experiência, celebrada por alguns e suprimida por outros, as duas coisas por aqueles que sabiam se aproveitar do mito a depender da situação.

Foi nessa conjuntura que a crise da pandemia criou uma rachadura.

Era um dia comum de cinza em uma das ruas de cima quando o morro começou a balançar. No terceiro andar de um prédio alto, logo depois do café, um dos moradores mais orgulhosos, curador-geral do maior museu da cidade, fazia uma chamada importantíssima para tentar fechar um trabalho extra que seria muito bem vindo, já que o preço do condomínio era inversamente proporcional ao tamanho do apartamento. No meio da apresentação, ouviu aquele som difuso se aproximando. Tentou continuar, mas era como se aquela gritaria estivesse acontecendo no meio da sala. O cliente franziu a testa, ele pediu desculpas, desligou o microfone e a câmera. Correu até a janela e não precisou nem de três palavras para reconhecer o discurso que dizia aos quatro ventos nunca ter escutado.

– OLHAÍ OLHAÍ FREGUESIA...

Não era possível. Não ali.

– ...VENHAM EXPERIMENTAR ESSA DELÍCIA...

Escolheu aquele prédio para ficar longe disso.

–...É O PURO CREME DO MILHO...

Cada palavra ativava mais um grau de assombro, de indignação e de raiva.

– ...TEMOS CURAU E PAMONHA.

Esqueceu do cliente, calçou os chinelos, colocou a máscara e entrou no elevador. Mas quando chegou ao térreo o carro já estava na outra rua, ainda que desse perfeitamente para ouvir.

Recuperou a chamada, mas perdeu o trabalho. Dedicou o resto do dia a angariar outros revoltosos pelo quarteirão, mais pessoas que também achavam um absurdo a pamonha. Encontrou alguns, ainda poucos. Resolveu começar um abaixo-assinado.

No dia seguinte, no mesmo horário, esperou o carro passar. Abriu os vidros da varanda e gritou, furioso, que ali não era lugar. Escutou palmas um pouco acima, outras ao lado. O motorista sequer olhou.

Viu os dias passarem e a adesão ao movimento crescer devagar, mais lenta do que gostaria. Frustrou-se com o bairro, com os vizinhos, com o que imaginava ser gente como ele. Talvez não fosse.

Lá embaixo, o carro também não tinha tanto sucesso. Alguns fregueses aqui e ali, mas nada perto do que eram as vendas nas ruas de baixo. “Vai desistir”, ele torceu.

Foi-se um mês.

Veio o condomínio, e com ele a necessidade de trabalho. Conseguiu outro cliente em potencial e dessa vez marcou a reunião mais cedo, para evitar a pamonha-problema.

Não sabia que o motorista do carro, que também precisava arrecadar mais, tinha decidido mudar de horário.

Grande parte do prédio ainda não tinha tomado café quando a coincidência aconteceu. O morador, primeiro, achou que era a sua ansiedade falando, que estava ouvindo coisas. Mas quando o som rebateu no azulejo da cozinha e entrou com tudo pelo microfone, entendeu que era a gota d'água. Não ia esperar mais por apoio. Precisava resolver aquilo. Dar um basta. Desceu as escadas correndo, para não ter de esperar o elevador, e nem olhou na cara do porteiro, que abriu a primeira das duas portas da gaiolinha.

Foi ali, preso naquela jaula voluntária, esperando os intermináveis dois segundos entre o fechar da primeira porta e o abrir da segunda, que ele sentiu.

O cheiro, de milho, de coco e de açúcar, tudo misturado, ultrapassou a máscara, subiu pelas narinas mais rápido que qualquer droga que já tivesse experimentado, se juntou ao som dos alto-falantes e tomou conta dos dois hemisférios do cérebro. E de repente seus pés não tocavam mais o chão.

Levado pelo olfato, não sentia nem calor, nem frio, nem nada. As árvores, os carros, as pessoas, tudo tinha se transformado em produtos derivados do milho, um curau enorme estacionado, uma pamonha gigante fazendo sombra. Do outro lado da rua, uma espiga em formato de automóvel tinha o porta-malas aberto, o preço escrito com canetão no vidro, “Pamonhas da Salete”. A cinco passos de distância, sentiu as solas tocarem o solo de volta, o cheiro cada vez mais forte, os ouvidos quase surdos, e ficou cara a cara com o motorista, no meio da rua, a sua rua.

Era a hora.

Olhou fundo nos olhos do rival e, completamente arrebatado, ordenou:

– Duas, por favor.

VERTIGEM

A rua Brasil era uma baita ladeira. Fazia as vezes de fronteira simbólica entre o Bairro Alto e o Bairro Baixo, uma fronteira em disputa: um lado queria o fim da feira que acontecia ali todo domingo, o outro fazia parte dela, comprando ou fazendo a xepa. Não que o povo de cima não comprasse na feira, inclusive os feirantes da parte alta da rua, sabedores das diferenças, cobravam um pouco a mais nos produtos quando percebiam que quem comprava vinha do Alto. Mas o barulho na manhã de domingo incomodava mais do que ter que ir ao supermercado lá no centro de Isolamento, então dá-lhe abaixo-assinado, pressão na prefeitura, matéria comprada na mídia.

Enquanto isso, a feira seguia.

Uma figura que passava ileso pela “guerra da ladeira” era o seu Pedro, da barraca da laranja. Topo da feira, de frente para o Bairro Alto, mas querido tanto pelas empregadas que trabalhavam acima quanto pelas que moravam abaixo. Mesmo os patrões gostavam dele, figura carismática, sempre sorrindo e pronto para contar uma piada, que na maioria das vezes era mais uma bajulação para conquistar o freguês. Estar no alto da rua, entretanto, trazia um problema: a gravidade. A qualquer tempo, uma laranja resolvia rolar ladeira abaixo, consequência do destrambelhamento de algum comprador na hora de escolher. A descida das laranjas era uma prova do apreço do povo por seu Pedro: era comum a volta de uma, duas,

três, cinco frutas nas mãos de quem subia e já sabia de onde vinham. Recolocá-las no lugar, na última barraca, lá em cima, era parte do ato de fazer a feira, um quase fincar de bandeira, um “estive aqui” para quem passava pela rua Brasil nas manhãs e começos de tarde de domingo.

O espalhamento do vírus bagunçou tudo.

De início a feira esvaziou, até de feirantes, mas conforme a convivência com o invasor foi ganhando regras, as barracas voltaram, de máscara, assim como os fregueses. Claro que o movimento não era mais o mesmo, mas dava para sobreviver, que em Isolamento sobrevivência era ordem do dia faz tempo e não ia ser um vírus que ia mudar isso. Mas para seu Pedro a coisa foi mais pesada.

Primeiro que ele não acreditou muito nessa história de vírus que mata, mas que morre com sabonete, e nem viu sentido em usar aquelas máscaras que davam sensação de fechamento. Segundo que com essa história de não-me-toque ninguém mais subia as laranjas de volta. As vendas diminuíram drasticamente, e o ladeira-abaixo das frutas passou a significar prejuízo. Desse modo, a cada meia hora, seu Pedro passou a descer a rua Brasil, maldizendo o povo e catando as frutas que teimavam em se esconder atrás das caixas, embaixo das outras barracas, perdidas no meio-fio. Colocava tudo de volta, mas só piorava as coisas: ninguém queria comprar as “contaminadas do seu Pedro”, como corria à boca pequena. Ele, orgulhoso que era, não se rendeu: misturava as laranjas de volta e não quis nem saber dessa história de álcool em gel, luva e os escambau, quem quisesse que lavasse as compras em casa.

De ponto de encontro, o topo da feira virou desvio obrigatório. Ninguém gostava de passar nem perto daquele epicentro de contaminação, a barraca do vírus, do doido do “não”. E domingo a domingo seu Pedro viu a freguesia

minguar. Sobrou meia dúzia que, assim como ele, desde-nhava da coisa toda, mesmo que a mulher das bananas e o velho dos ovos tivessem pegado a doença – ganhou a antipatia dos dois, além da desconfiança, sentimentos que logo alcançaram o coração de praticamente todos os que vendiam na feira. Na de domingo e nas de dia de semana, que mesmo não sendo em ladeiras também tinham seu Pedro no alto – da estima geral.

Sem recursos, o homem-do-topo-da-feira precisou reduzir as compras no fornecedor, que não gostou nada da história e repassou o prejuízo para o preço: pela metade das laranjas, pagaria 70% do valor de antes. Apelou para a lábia, tanto-tempo-comprando-contigo, ameaçou mudar de fornecedor, nada. Tinham tabelado os preços, para não morrerem com o prejuízo do vírus sozinhos, e também era melhor exportar, que com a economia desse jeito acabava sendo mais jogo mandar tudo lá para a China.

Sem saída, seu Pedro azedou. A ponto de um domingo, pleno meio dia, partir para cima de uma molecada que chutava uma das laranjas rolantes como se fosse bola lá no fim da rua. Recolheu a fruta do chão e atirou na direção de um dos pivetes. Acertou no olho, não dele, mas de um bebê no colo da babá, filho de mãe do Bairro Alto. Fez-se o escarcéu, e virou barraco, e pela primeira vez naquela rua os moradores de cima e de baixo se uniram para correr o antigo xodó dali.

Seu Pedro escapou por pouco. Era tarde da noite e os dois bairros dormiam quando voltou. Olhou lá de baixo da rua Brasil e encontrou sua barraca ainda lá, no alto, as laranjas em cima. Apressou o passo, miúdo, e parou em frente ao que antes era o seu orgulho.

Com o peito cheio de tristeza, e raiva, que ele não sabia se era do vírus, das pessoas ou de si, chutou o

pé direito da madeira que segurava a lona azul onde repousavam as frutas. E ficou parado no alto da rua Brasil, com lágrimas nos olhos, observando enquanto as laranjas, todas juntas, rolavam ladeira abaixo – elas que, diferente dele, nunca se arriscaram a duvidar da gravidade.

CONVOSCO

Quarentena, 13 de abril do Primeiro Ano.

Mãe,

sábado nossa cama amanheceu cheia de sangue. Tomamos um susto imenso, mas felizmente não era nada tão grave: a Preta quebrou uma unha, quase inteira. Precisamos chamar a veterinária em casa, e agora ela está com a patinha enfaixada – só até amanhã.

Apesar de ter sido relativamente tranquilo, foi uma bela dose de adrenalina logo cedo. Pensamos primeiro que era a gata, e, se tivesse sido, era grave pela quantidade de sangue. E mesmo com a resolução rápida e sem grandes agravantes, isso nos deixou pensando por esses dias sobre a fragilidade da vida, em como ela pode estar em um instante e não estar mais no seguinte. Esse pensamento me traz sempre sentimentos mistos. Saudades do pai, da vó, do Abu, e medo de perder mais pessoas, um medo que é bem diferente daquele que eu sentia quando ainda não tinha perdido ninguém e não fazia ideia da dimensão de uma perda. Você lembra quando eu era pequeno e dizia que ia ser cientista e inventar um remédio para ninguém morrer nunca, mãe? Acho que se eu tivesse tido sucesso o pessoal da previdência teria grandes problemas com isso.

Hoje, começamos a trabalhar de casa em Quarentena, depois de muito pouco tempo no presencial. Na verdade, começamos a tentar entender – e lamentar – o

que esperam da gente nesse trabalho à distância. Se já era difícil imaginar qualquer tipo de educação sem encontro, fica mais complicado ainda vivendo em Quarentena. Muitos de nossos estudantes não estão em Quarentena ou em Isolamento. Alguns deles vivem nas cidades-satélites daqui, Miséria, Fome e Tristeza. Dizem que Tristeza é um lugar de gente rica, mas essa visão é muito preconceituosa e, quase sempre, vem de gente que nunca esteve por lá. Um dos meus alunos, por exemplo, me confidenciou uma vez que sua mãe tinha depressão por ter sido abusada pelo cunhado. Ela contou isso para ele e o menino, além de ser diagnosticado também com depressão, se tornou bastante agressivo, explode muito fácil com qualquer situação de desconforto – e, na escola, eram muitas. Ele vive em Tristeza. Como imaginar essa criança estudando à distância, sozinha, pedindo ajuda para a mãe para resolver exercícios que já não faziam muito sentido em sala de aula? Assim como aí, o poder público em Quarentena não está preocupado em educar ninguém, muito menos as crianças mais pobres. Querem só mostrar para imprensa e sociedade que estão fazendo algo – se der errado, a culpa é dos professores que não souberam, dos pais que não estiveram, dos estudantes que não quiseram.

Peguei um livro que gosto muito aqui, que tem um compilado de textos de dois geógrafos anarquistas que pensaram e escreveram sobre educação. Um deles é russo e se chama Piotr Kropotkin, outro é francês e se chama Elisée Reclus. Os textos são do século XIX, mas é impressionante como parecem ter sido escritos ontem. “Nada interessa tanto às crianças como as viagens, e nada é mais chato e menos atrativo na maioria das escolas do que aquilo que ali se batiza como geografia”, escreve Kropotkin em 1885. “O professor pede ao aluno um ato

de fé, pronunciado além disso em termos cujos sentidos não domina; recita prontamente os nomes dos cinco rios da França, de três cabos, de dois golfos e um estreito; sem referir esses nomes a nenhuma realidade precisa”, reclama Reclus em 1903. Mais de cem anos depois e seguimos acreditando que ensinar significa apenas apresentar conteúdos e pedimos aos estudantes que acreditem que é assim e reproduzam em seus cadernos o que dizemos. Se já era ruim naquela época, se continua péssimo hoje, como esperar que dessa farsa a distância que estão produzindo usando a tecnologia como argumento – a mesma tecnologia cheia de algoritmos manipuladores que não é neutra e não está ao alcance de todos, como se quer fazer crer – saia algum tipo de relação de ensino?

Desculpa o desabafo, mãe, mas é que trancado em casa é ainda mais difícil lidar com todas as coisas que atravessam minha cabeça de professor. Vou mudar um pouco de assunto. Você lembra do seu Zé, o catador de material reciclável que vive aqui na porta de casa? Então, tivemos alguns encontros com ele por esses dias. Tentei de novo chamá-lo para comer, mas ele nem sempre responde da forma como estamos acostumados. Não quero dizer que ele é ininteligível ou que tem algum problema; não, não é isso. Ele só se comunica de outro jeito. Com os olhos, principalmente. Mesmo quando as palavras não fazem sentido, consigo entender algo do que ele quer dizer olhando nos olhos dele. Os olhos dizem muita coisa. Basta estarmos disponíveis para escutá-los.

Os olhos do Zé – vou abandonar o seu, não gosto de pronomes possessivos – me passam muito cansaço, na maioria das vezes. Puxar um carrinho com quilos e mais quilos de material reciclável explica parte disso. Viver na rua, sozinho, provavelmente explica outra parte. E tem

ainda um pedaço que eu não consegui acessar até hoje: a história dele. Nós vivemos aqui em Quarentena há menos de um mês, ele vive há muito mais tempo. Quanto será? Esteve sempre na rua? Esteve sempre sozinho? Como aprendeu a falar com os olhos, e ao mesmo tempo embaralhar o sentido das palavras com a boca? Quais são seus desejos, seus medos, suas tristezas e alegrias?

Uma coisa que você me ensinou, mãe, foi a olhar para o outro e enxergar. A gente se acostuma, e em Quarentena isso parece ser ainda pior, a resumir o outro ao que achamos dele; nisso, o Zé se torna apenas um pobre homem de rua que não fala nada com nada. Mas esse não é o Zé. Esse é o retrato que se faz dele quando se olha sem ver. Só ele pode dizer o que é, o que foi e o que quer ser. E qualquer um que quiser estabelecer uma relação humana recíproca tem que estar disposto a enxergá-lo. E escutá-lo. Tanto pelas palavras quanto pelos olhares. Outro dia, eu abri a porta e o Zé estava varrendo a calçada. Chamei por duas vezes. Ele não respondeu. Quando eu estava prestes a fechar a porta, olhou para mim e sorriu. Um sorriso de cuidado, de vizinho, de tranquilidade, ainda que na rua. Não sei se ele viu meu aceno de volta. Não importa. Quem estava falando era ele. Era só prestar atenção para perceber.

Escutei de uma pessoa mais velha que ela se sentia inútil, que poderia desaparecer e ninguém sentiria falta. Toda vez que eu escuto o Zé, toda vez que eu converso com você, eu sinto como se estivesse voando e, ao mesmo tempo, me enxergando lá de cima, cada vez menor e menor, até que só consigo me ver em meio ao todo. Sozinho, sou só um ponto, um terço de reticência, quase nada; mas com o outro, com o Zé, com você, volto a ser humano. Só

existimos nas relações. E a sua presença, para me dizer
um mundo de coisas com os olhos, tem feito muita falta.

Estou repetitivo com isso, eu sei.

Te amo,

D.

ANÁLISE DE CONJUNTURA

Davi dobrou a esquina e deu de cara com uma multidão. Freou o passo por meio segundo, fones no talo, e ralhou consigo mesmo sobre aquele bando de gente desocupada no meio de uma quarta-feira, aglomerando no meio da pandemia. Enquanto pensava na melhor forma de escapar da aglomeração, passou os olhos pelas faixas para tentar entender do que se tratava: “Mães de Luto e Luta”, “chega de genocídio”, “vidas negras importam”. Estava acostumado com aqueles atos na avenida mais famosa de Quarentena, mas era a primeira vez que lia a palavra “mãe” em um deles. Pensou na sua e olhou bem para a expressão daquelas mulheres de preto, roupa, máscara e pele. Seguravam cartazes com rostos jovens, a maioria homens, mas algumas mulheres também. Um deles em especial lhe pareceu um espelho. Parou completamente em frente a ele por alguns instantes.

Tirou os fones de ouvido e perguntou o que era aquele protesto. A resposta veio com um tom misturado de raiva e dor.

– É um ato contra o assassinato de jovens negros na periferia, meu filho. Esse aqui é o meu.

A voz daquela mãe abriu um buraco dentro dele, que se perdeu entre a identidade e o distanciamento. Ainda processava o sentimento quando alguém lhe estendeu um panfleto. Pegou sem pensar, o cérebro voltando para

a objetividade, e leu algumas palavras, que serviram para cortar o efeito do cartaz. Eram verbos no infinitivo que ora apontavam para um futuro que ele não conseguia imaginar, ora pareciam ordens vindas de sujeito nenhum e direcionadas a ninguém. O texto gerou uma sensação de desespero e pressa, e lhe fez lembrar que estava no meio do expediente. Dobrou o papel, guardou no bolso esquerdo, trouxe os fones de volta aos ouvidos e voltou de novo o olhar para a multidão. Faltava muito para o fim, do expediente e do ato, e Davi tratou de buscar as brechas entre todas aquelas pessoas para seguir caminho.

Os passos eram acompanhados por imagens e frases, e todas elas pareciam beliscar um pedaço do cérebro que tinha ligação direta com o coração, através da garganta. A gritaria, de uma forma estranha, fazia lembrar seus tempos de feirante. Estava confuso, não gostava de se ver naquilo tudo, mas era impossível negar a própria presença. Aos poucos, o incômodo foi crescendo dentro do peito, e de repente todos os rostos naqueles cartazes pareciam ser o seu. Um rapaz lhe ofereceu outro panfleto. Aceitou enquanto baixava a cabeça para não se ver mais, mas os fones não conseguiam isolar completamente o barulho ao redor. Cada palavra nas frases de efeito da multidão, ou nas conversas próximas ao trajeto irregular por entre todos aqueles corpos, desenhava de novo os seus próprios olhos no espelho da mente.

No meio do caminho, a multidão se aglomerava ainda mais. Os panfletos se multiplicavam. Dava para desviar de alguns, mas era quase impossível recusar outros, ainda mais porque ele também já tinha trabalhado entregando panfletos e desde então não conseguia deixar nenhuma mão no vácuo. O bolso encheu tanto que foi preciso tirar todos os papeis de dentro, juntar em um

único bolo e dobrar tudo junto para guardar de novo. Formavam um monte de palavras que terminariam no lixo, quando encontrasse um.

Os minutos de atraso já somavam quinze quando Davi ouviu um barulho difuso vindo do fim do ato, misturado à batida do rap nos fones de ouvido. Quase imediatamente, uma clareira se formou à sua frente, como se de alguma forma os desejos de abrir caminho tivessem se transformado em um dom. Apertou o passo sem pensar muito, em direção ao escape daquilo tudo, e viu surgir ao fundo aquela linha de homens armados, de preto, marchando para cima da multidão enquanto batiam os cassinetes nos imensos escudos que portavam. Tirou os fones bem na hora em que um zunido passou raspando sua orelha direita.

Era a senha para correr.

Enquanto disparava pela avenida agora cheia de espaços, ouvia os gritos de dor tomarem outras proporções, os cartazes-espelho no chão, suas mães também. Parou para ajudar uma delas, o rosto coberto de sangue. Ergueu-a no colo, quase inconsciente, e andou o mais rápido que pode em direção à primeira rua transversal. Encontrou uma porta de loja aberta, de onde saíram outras mulheres que o ajudaram a deitar a mãe no chão, os cabelos brancos e a máscara preta tingidos de vermelho. A água que alguém jogou no rosto dela revelou um buraco no lugar do olho direito.

Entre o horror e o ódio, Davi sentiu sede.

A urgência apertou seu peito e o fez voltar para a avenida. Era agora parte do ato, um cartaz que tomou vida, um filho de todas as mães. Marchou em direção à linha de policiais, negra como aquelas mortes, não mais um, mas cem mil, ele próprio um corpo multitudinário em defesa

do direito de existir. Tirou do chão outras seis pessoas, mas o massacre seguia, e a cada novo corpo tombado sua resiliência diminuía. As balas voavam por todos os cantos, e quando uma delas acertou outro bem ao seu lado, Davi parou. Levantou os braços em frente ao batalhão, os punhos cerrados, os olhos fitando cada um dos soldados.

O braço armado do estado parou por um instante, e um dos policiais gritou:

– Corre, neguinho!

Virou o corpo com calma, como quem demonstra que vai sair sem medo, e ouviu o estampido seco e covarde, mais um, dessa vez em direção a ele, teve certeza sem nem precisar olhar. A bala de borracha atingiu a metade esquerda da bunda, como um peteleco. Esperou pela dor, que não veio, e o estranhamento pela sua ausência serviu de impulso para fugir daquele cenário de guerra. Correu por quase toda a extensão da avenida até encontrar uma praça, quando finalmente pode parar para conferir o estrago do tiro.

Bem no meio do bolso da calça, o buraco do impacto revelava o bolo de papéis dobrados, formando um amuleto involuntário que impediu a borracha de conhecer sua carne. Pensou na sorte que teve e que faltou a todos aqueles rostos, e chorou, de alívio e de raiva. Sentou no banco central da praça, vazio no meio de uma tarde de semana, e mandou o expediente às favas. Tirou os panfletos do bolso e resolveu ler palavra por palavra daquele manifesto que havia acabado de assinar com a própria pele.

FLORA SAUDADES QUER CASAR

- Dona Flora?
- Isso.
- Você é aquela...
- Eu mesma.

Não tinha se preparado para a fama repentina, daí a falta de paciência. Aquele vídeo era para ter sido só um desabafo. Nem tinha percebido o tanto de vezes que disse a palavra saudades em tão poucos minutos. Odiava o apelido que ganhara, mas já era, sabia bem desde criança que quanto maior o ranço, mais os adjetivos ficam. E olhando em perspectiva era melhor ser Saudades do que Pernalonga, como no ensino médio.

Mal tinha feito o motorista perceber que não queria papo quando tudo travou, bem no meio de Quarentena. Olhou pela janela e não conseguiu ver o que estava acontecendo. Uma mulher mais velha, negra, se aproximou com um panfleto na mão. Não disse uma palavra. Flora pegou o panfleto e viu nele o rosto de vários jovens com uma coisa em comum, a pele, tão ou mais escura que a da mulher. Embaixo, um logo dizia, “Mães de Luto e Luta”. Em cima, uma frase: “chega de genocídio”. No banco da frente, o motorista subiu o vidro, virou a cabeça para trás e reclamou:

- Dona Flora, essa gente é muito desocupada. Pelo visto vai demorar.
- Não tem problema.

Era exatamente o contrário do que ela queria dizer, mas serviu para voltar ao silêncio.

Olhou outra vez para o panfleto, aqueles jovens sorrindo, em contraste com o semblante sério e o olhar profundo de quem lhe entregou o papel. Seria aquela mulher uma das mães? Flora não era, ainda, mas queria ser. Era parte do processo, crescer, casar, ter filhos. Tentou imaginar a perda do filho que não existia; não conseguiu sentir muita coisa. De repente, viu o carro arrancar: o motorista, aproveitando uma brecha, pulou para a pista da direita e emendou uma curva arriscada para pegar a transversal, ainda não bloqueada completamente.

Desceu do carro sem dizer uma palavra, dez minutos depois. Entrou em casa e tirou a roupa para entrar no banho. O telefone tocou segundos depois de abrir o chuveiro: era a jornalista, a mesma, outra vez. Queria uma fala sua a respeito da extensão do período de reclusão social, recém anunciada pelo prefeito. Não tinha se acostumado ainda com isso, ser porta voz de um movimento que havia criado sem querer, por conta de um desabafo sobre o adiamento do casamento. Repetiu a frase final do vídeo, que já tinha se tornado bordão. E aproveitou para reforçar o ato de mais tarde.

Seria o primeiro protesto de sua vida.

O dia passou correndo, enquanto Flora espalhava mensagens pelas redes sociais, aproveitando seu *status* de subcelebridade. Pensou nas mães do ato pela manhã e resolveu espalhar um pedido para todos irem de preto, como elas – também estavam de luto, afinal, pela própria liberdade. Antes de sair, lembrou do chamado que dizia para levar a bandeira nacional, e passou na casa da mãe, que guardava uma bem antiga.

Chegou ao lugar marcado mais cedo do que o horário previsto. Viu faixas que não entendia, outras que não concordava. Uma profusão de pedidos, indignações e demandas. Muita gente sem máscara, ou com a máscara no queixo. Encontrou rapidamente as amigas, todas de preto, e se sentiu potente: era como se tudo aquilo fosse responsabilidade dela. Uma repórter questionou a cor. Respondeu com a frase que ensaiou no caminho:

- Estou de preto pelo meu direito de usar branco!

Em questão de minutos, a *hashtag* “#pretopelobranco” se disseminou pelas redes sociais.

A multidão na rua cresceu rapidamente. Quando já tomava quase toda a praça principal de Quarentena, Flora viu a polícia chegar. Eram muitos policiais, talvez mais do que manifestantes. Vestiam o mesmo preto, mas em forma de armadura, coturno e cassetete. Sentiu um misto de incerteza e admiração pela tropa. Nunca havia estado tão perto dela.

O ato, cujo destino era o palácio do governo, começou a andar. Flora na frente, braços dados com as amigas, a bandeira enrolada no corpo. Cantavam frases improvisadas na hora, versões de músicas velhas e novas, em rimas pobres e ricas que pediam de tudo. Quase em frente ao palácio, ouviu-se um estrondo. A marcha parou. De trás dos muros, Flora viu um objeto voando, dois, três. Pareciam pássaros sem asa, brilhantes, acinzentados. Quando o primeiro tocou o solo, a dois metros dela, entendeu que eram bombas.

O som, a fumaça e a correria fundiram todos os seus sentidos. Viu as amigas correrem, cada uma para um lado, e caiu de joelhos. Sentiu a cabeça ser pisoteada por alguém e se encolheu, em posição fetal. Foi erguida por um

homem desconhecido, que a colocou nos ombros e disparou para dentro de uma lanchonete de portas semicerradas.

Enquanto a pequena multidão abrigada ali se desesperava, uns aos prantos, outros espumando de ódio, Flora, atordoada, fixou os olhos na televisão que piscava atrás do balcão. No meio da rua, uma repórter entrevistava uma mulher de olhos vermelhos, um cartaz na mão, com a foto de uma menina banguela. O letreiro dizia, “Maria Evelyn, 11 anos”, e no canto superior da cartolina figurava uma bandeira nacional, pintada de preto e repleta de cruces brancas.

Ouvindo as bombas explodirem lá fora, Flora olhou para o velho estandarte da mãe enrolado no corpo, o sangue que escorria de sua cabeça tingindo de vermelho letra por letra do lema que ela nunca entendeu, e lembrou do professor de Geografia do ensino médio, os cabelos desgrehados, os óculos tortos no nariz, repetindo quase como um mantra que aquela frase era exatamente o contrário do que ele chamava de “espírito do país”. E, pela primeira vez na vida, percebeu que as cores nunca são apenas cores.

IDENTIDADE

A favela do Memorial tinha apenas dois barracos. Eram três, mas o casal do barraco do meio, que tinha uma cachorrinha fofa, arranhou uma maloca com água encanada e resolveu se mudar. Ficaram a mulher solitária do barraco da direita e o homem do barraco da esquerda. O buraco que ficou no meio ambos usavam de cozinha e quintal.

No começo, ninguém chamava aquilo ali de favela. Dois barracos, duas pessoas, vira e mexe colocadas para correr pelo rapa. Sempre voltavam, que aquela rua era sem saída, um retorno para quem perdeu a entrada do viaduto, então chamavam pouca atenção. Embaixo da ponte funcionava um serviço cristão de assistência social. Do outro lado da rua, a grade do Memorial, cercando o imenso estacionamento – quase sempre vazio – daquele que era o maior museu da cidade.

Do lado de dentro da grade, de segunda a sexta, o curador-geral do museu estacionava o carro, bem ali de frente para os barracos. Ninguém nunca entendeu o porquê, todas as vagas livres e ele sempre parando grudado na grade. O homem do barraco da esquerda, acostumado com aquela cena, esperava só o motorista desligar o carro para perguntar:

– E aí, doutor!? Quer que eu tome conta?

O curador-geral olhava para o homem, balançava a cabeça como quem achava uma graça sem graça daquela piada, e seguia seu caminho para dentro do museu. Era

assim todo dia, inclusive nos sábados e domingos de exposição.

Com a chegada da pandemia na cidade, cada vez mais pessoas em Isolamento esgotavam seus recursos de sobrevivência. E em três meses, os dois barracos ali debaixo do viaduto tinham se tornado oito. O museu esteve fechado por esse mesmo tempo, de forma que quando o curador-geral retomou sua rotina, levou um susto com o crescimento da favela. O homem do barraco da esquerda, dessa vez, não ficou só na piada.

– E aí, doutor!? Quer que eu tome conta?

O curador-geral deu o sorriso amarelo de sempre. O homem emendou:

– Não tem um trocado não? Um pão, um biscoito?

Pela primeira vez na relação entre os dois, havia algo mais do que um cumprimento falso, disfarçado de leveza. Fez-se o constrangimento.

O curador-geral se aproximou da grade.

– Como você chama?

O homem, surpreso e esperançoso, respondeu.

– Eri, doutor.

– E tá na rua por que, Eri?

– Ih, doutor, história longa.

O curador-geral sinalizou com a cabeça para que Eri continuasse. E ouviu que a rua era um contratempo único em trinta e dois anos de vida, resultado do desemprego: chegou a Isolamento pouco antes da pandemia, e a vaga que conseguiu de ajudante-geral na montagem de um desses festivais gigantes de música ficou só na promessa, depois do cancelamento do festival. A maré de azar se tornou completa com o assalto que levou o pouco dinheiro restante e todos os documentos. Sobrou o viaduto.

– E não tem como voltar pra casa, Eri?

– Minha casa agora é aqui, doutor. Até tentei ir pra casa da minha irmã, em Quarentena, mas não dá pra viajar sem RG.

– E por que você não tira uma segunda via?

Eri sorriu ironicamente, como quem debocha da própria sorte. E contou que, antes do viaduto, tentou recuperar a identidade, mas a pandemia havia deixado a burocracia do Estado ainda mais lenta, e o documento, que era para sair dois meses antes, não tinha nem data para ficar pronto.

Contada a história, Eri retomou a investida.

– Mas então, doutor, não rola aquele trocado?

O curador-geral enfiou a mão no bolso e lhe entregou uma nota de cinco. Em seguida, despediu-se, e enquanto caminhava rumo ao museu teve uma ideia.

Os meses de fechamento tinham deixado o Memorial às moscas. Nenhuma exposição havia sobrevivido. Mas a história de Eri era um *briefing* perfeito para recomençar a agitar as coisas.

Com a pouca verba que ainda tinha, mandou construir uma estrutura imitando madeirite, “conceito favela”, de frente para o estacionamento, quase espelhando os barracos do viaduto. E chamou os grandes nomes da arte contemporânea com quem ainda tinha moral, ou aqueles que lhe deviam favores, para dar vida à “Galeria Vida Loka”, nome oficial cunhado a partir de uma campanha feita pela internet. A primeira exposição da galeria seria involuntariamente nomeada por Eri: “Identidade”.

Do lado de fora do museu, semana a semana, os barracos aumentavam de número. A vizinhança começou a chamar aquele pedaço do bairro de “favela do Memorial”, e foi aí que o termo viralizou. Virou *trending topic* nas redes sociais, saiu em tudo que é jornal: “nova favela

cresce no centro”. O curador-geral aproveitou o momento para expandir o conceito da exposição: depois de ver todas as obras, quem visitasse a Galeria Vida Loka sairia de frente para a favela, cada vez mais amontoadada do lado de lá da grade do estacionamento, “criando uma ponte entre a arte e a vida”.

Foram quarenta dias preparando a inauguração. Em todos eles, o encontro com Eri se repetiu. Era parar o carro, desligar o motor e ouvir:

– E aí, doutor!? Quer que eu tome conta? E aquele trocado?

Mas uma coisa tinha mudado: o sorriso de volta do “doutor”, agora, era quase que um autoelogio pela ideia que tinha tido.

No dia da abertura da exposição, o curador-geral saiu de casa mais cedo do que de costume. Fez todo o trajeto desde o Bairro Alto, parte nobre da cidade, até a região central, onde ficava o museu, assobiando. No caminho, notou pela primeira vez outros barracos, em praticamente todos os viadutos por que passou. Estavam ali fazia tempo, e ele nunca os tinha visto? Ou eram novidade, consequência da pandemia, assim como os do Memorial?

“Não importa”, pensou consigo mesmo, “essa situação toda vai chamar ainda mais atenção para a exposição”. E cheio de expectativa, subiu o viaduto vizinho ao Memorial, o mesmo de todos os dias, como se fosse agora parte da obra. Fez a curva à direita na direção do museu e olhou de canto de olho para ver os barracos, cenário final da exposição.

E não viu nada.

Da noite para o dia, a favela tinha desaparecido.

Entrou no estacionamento atordoado. Parou na vaga de sempre, desligou o motor e pela primeira vez em

quase um ano não ouviu a pergunta-quase-piada. Saiu do carro e se aproximou da grade: nem vestígio de Eri ou de qualquer um dos agora muitos moradores da favela do Memorial, “a maior favela do centro”, como dizia o *card* da exposição divulgado amplamente por todos os lados.

Quase em desespero, o curador-geral correu para dentro do museu, ainda com as luzes apagadas. Ligou o interruptor e encontrou os seguranças rendidos, braços e pernas amarrados, sentados em uma cadeira de plástico no canto. Do outro lado da sala, não acreditou no que viu: misturados à estrutura da Galeria Vida Loka, um a um, todos os barracos da favela, as roupas penduradas, os fogareiros acesos, um par de crianças brincando com um cachorro vira-lata. Do canto esquerdo da estrutura, remexendo numa panela o que pareciam ser ovos mexidos, o curador-geral viu sair Eri, que, com um sorriso no rosto, anunciou:

– E aí, doutor! A gente veio tomar conta!

CONTIGO

Quarentena, 24 de abril do Primeiro Ano.

Pai,

penso muito em você nesse tempo em que estamos em Quarentena. Por vários motivos. Acho que hoje, onze anos depois, consigo entender e sentir diferente muito do que foram os seus últimos anos, preso em casa a um tubo de oxigênio. A mãe sempre disse, doenças pulmonares obstrutivas crônicas são muito duras, porque restringem nossa locomoção, vão minando aos poucos nossa autonomia. Você era um cara orgulhoso, independente, teimoso. Imagino o quanto deve ter sido difícil aceitar – e pedir – ajuda.

Mas não é só sobre a reclusão. Tem também as marcas do tempo. Seria seu aniversário de 71 anos exatamente hoje. E a gente se despediu antes mesmo de você fazer 60. O que teríamos feito nesses anos todos? Como terá sido se despedir da gente sem estarmos lá? Eu só tenho a versão do lado de cá da porta da UTI, e ela não deixa de doer, passe o tempo que for. Uma dor constante que a gente acostuma, e transforma em potência para não se deixar levar pela ausência. Foram outras despedidas depois de você. A vó, o Abu, o filhinho pequeno de uma amiga querida, a Boquita, a Zica. Sempre que alguém se vai, traz um pouco de você de volta. E sempre que você

vem, eu choro, e depois eu rio, porque você era o cara mais engraçado que eu já conheci.

Tem tanta coisa pequena, do dia a dia, que me faz pensar em você... uma delas é lavar louça. Sempre que eu lavo louça lembro do quanto você era metódico com isso, os pratos primeiros, os copos por último, “não joga tudo na pia porque aí engordura sem necessidade”. Sigo o passo a passo como se estivesse no meu DNA, no automático. Só não declaro guerra às formigas como você fazia, criando armadilhas para elas com o detergente. Deixa elas lá, com a obstinação pela sobrevivência a todo custo, o sacrifício individual em nome do coletivo. Taí você de novo: filosofando em cima de coisas tão mundanas quanto uma louça.

Pai, você ia odiar estar em Quarentena. Talvez seja até pior do que o que você passou. Olhamos pela janela e quem está doente é o mundo. Ficar trancado por estar saudável é algo que eu não consigo imaginar você vivendo, o tanto que você viajou e se mudou pelo país – e pelo universo, se contar todas as conversas que a gente teve. Depois de você, eu demorei uns anos para conseguir viajar de novo. Mas fui, e vi o mundo o tanto que eu pude, até chegar aqui em Quarentena.

Eu não sou a mesma pessoa de antes de você partir. Mudou muita coisa aqui dentro. Os pesos, as medidas, os pensamentos sobre o futuro e a minha própria morte. Aprendi a rir de mim mesmo, a aceitar o ridículo, a gostar de outros tipos de música. Só não aprendi a ficar sozinho. E tenho muita sorte nesse sentido, porque sempre tive boa companhia por perto. Isso está sendo fundamental para sobreviver em Quarentena, onde há muita solidão. E muita solidude. O dicionário diz que são sinônimos, mas na minha cabeça a solidão tem a ver com estar sozinho, e a solidude com ser sozinho. O que me leva a pensar, como

uma língua pode ter um mesmo verbo para expressar coisas tão diferentes quanto ser e estar?

Aqui perto de casa, tem muita gente morando na rua, por mais contraditória que essa expressão possa ser. Nem todos estão sozinhos. E alguns provavelmente são. Como o Zé. Falei dele para a mãe algumas vezes. Ele está sempre sozinho. Às vezes eu acho que ele é, e que a dificuldade de comunicação dele é na verdade uma ferramenta que ele construiu para viver em Quarentena. Mas pode ser também que ele tenha tentado e até hoje não tenha conseguido, e aí o único abraço possível foi o da solidão. Aconteceu uma coisa outro dia que me deixou pensando bastante sobre isso. Olhei da varanda e vi que ele estava cozinhando, num fogareiro improvisado no chão. Ele viu que eu estava olhando e sorriu. Colocou a mão no bolso e começou a tirar de dentro dele um objeto brilhante, de um brilho que eu nunca tinha visto e não consigo descrever. Achei que ele ia me mostrar, e talvez fosse, mas passou uma moto fazendo barulho e ele se assustou e voltou para a panela. Fui dormir com aquele brilho na cabeça, e ele chegou até os meus sonhos – e desde aquele dia não saiu mais de lá.

Eu já sabia que era seu aniversário hoje, quando acordei. Porque fui dormir pensando nisso. E sonhei com o brilho, e de repente ele era você, e depois o Zé, e de alguma forma aquilo tudo parecia ser uma coisa só, que eu não consegui ainda entender direito. A rua, o brilho, Quarentena e o Zé. Formigas em construção. Passei o dia todo dentro desse sonho, me sentindo da mesma forma como me sentia naqueles sábados em que você acordava cedo para me levar para jogar bola lá do outro lado da

cidade. Será o brilho um desejo? Um mecanismo da mente para preencher os vazios? Ou apenas nostalgia?

Andar pela cidade, jogar bola e estar contigo. Talvez, quem sabe, o brilho seja o segredo do Zé para ser e estar ao mesmo tempo, sem precisar de legenda ou tradução.

Cacete, pai. Que saudade de jogar bola. E que vontade de você.

Te amo,

D.

O RETORNO

Depois de meses com a população trancada em casa apenas para descobrir que não é possível controlar o vírus antes de encontrar a vacina, o governo de Isolamento resolveu que era hora de reabrir as escolas.

O professor achava aquilo absurdo. Pensou muitas vezes em não aceitar, desistir, abrir mão da carreira. Mas era um cargo público, concursado, e o mundo vivia uma pandemia. Resolveu ir.

Primeiro dia de aula.

– Bom dia, sexto C. Como foram de quaren...

– Professor, meu tio morreu.

– Nossa, Richard. Por causa do vírus?

– Não, ele tinha câncer.

– Meus pêsames. Mas você tá bem?

– Ah professor, fiquei um pouco triste, né. Eu gostava dele, a gente jogava bola junto.

– Professor, o Richard é maior perna de pau!

– Perna de pau é você!

Os dois se levantaram e driblaram a carteira de distância. Quase contato.

– Gente, gente, parou, parou! Primeiro dia e vocês já querem ser mandados embora?

O professor fez menção de segurar os estudantes. Lembrou que não podia.

– Eu não posso encostar em vocês. Nem vocês podem encostar em vocês. Vocês sabem disso.

- Professor!
- Fala, Júlia.
- O Kevin tava comendo caquinha de nariz.
- Se a caquinha é dele, não tem problema.

A classe, ou os trinta e cinco por cento permitidos dela, deu risada.

- Não é pra rir, é pra tomar cuidado. Preciso repetir as novas regras?

- Prô... o que é isso de novo normal que falaram lá no pátio antes da aula?

O professor pensou, primeiro dia de aula. Primeira aula do dia. Vai ser difícil.

- Ninguém sabe ainda. A gente vai descobrir juntos. Sem encostar.

- Eu vi na internet que agora não pode mais beijar.
- É, não pode.
- E como namora?
- De longe.
- Ah, então eu tô namorando.

Coro:

- TÁ NA-MO-RAN-DÔ! TÁ NA-MO-RAN-DÔ!

A Catarina corou.

- GENTE, por favor, por favooooooooor. Nem cinco minutos e já isso!

- É que a gente tá há muito tempo sem se ver, prê.
- É, estamos com saudades.

O professor, sentindo culpa, lembrou que eram crianças, trancadas em casa ou largadas à própria sorte na rua, por meses a fio.

- Tá certo. E do que vocês sentiram mais saudades nesse tempo todo?

Todos ao mesmo tempo:

- Da educação física!
- Do futebol!

- Do recreio!
- Da sala de informática!
- Do lanche!
- O Cauê sentiu falta da Catarina, professor.
- Senti nada!

O professor respirou fundo. Fazia tempo que não passava por situações de sala de aula, a vida tinha se resumido a tarefas postadas em plataformas e aulas online com todas as câmeras fechadas. Pediu calma com as mãos e retomou.

- Entendi perto de nada do que vocês disseram. Vamos tentar um de cada vez? Júlia.

- Eu? Senti falta de nada não. Eu tava é gostando de ficar em casa.

- E por que resolveu vir pra escola, se ainda é optativo?

- O que é optativo?

- Vir pra escola, ué.

- Não, professor. O que significa optativo.

Condescendência ao dizer “significa”.

- Significa que você podia escolher vir ou não vir.

- E você acha que eu escolho alguma coisa lá em casa? Minha mãe mandou, eu vim.

- Se eu fosse você eu não ia ir, Júlia.

- Você não ia, Cibeles. Não precisa do ir.

- Não preciso vir!?

- Não, eu quis dizer que... deixa, deixa. Ricardo, e você? Senti saudades?

- Senti, professor. Eu adooooooooooooo a sua aula.

- Ele é puxa-saco, professor, ele fala isso pra todo mundo!

- Como pra todo mundo se a minha aula é a primeira depois de meses, Jonas?

- Chuuuuuuuuuupa!

- Chupa você, seu gordo!
- Gordão é a sua vó, seu nanico!
- Vai ô, seu vírus!
- PAROU, gente. PA-ROU. Sem essa de gordo, nanico, e principalmente de vírus. Isso que tá acontecendo é uma doença séria, morreram milhões de pessoas no mundo todo, por causa de um vírus. Vocês não conhecem ninguém que morreu?

- A Maria Evelyn, professor.
- Que Maria Evelyn?
- Que era aqui da sala.

Silêncio constrangedor. Como uma estudante tinha morrido e a escola nem ficou sabendo? Ou a direção sabia e não tinha avisado os professores? O professor sabia da possibilidade de ter perdido alguém de alguma turma, mas imaginava que seria informado pela gestão, não pela própria turma. Buscou a imagem da Maria Evelyn na cabeça. Não encontrou, eram muitas Marias e muitas Evelyns entre as sete turmas que tinha. Resolveu ver até onde a turma sabia do caso.

- Co... como foi isso, Cauê?
- Parece que ela pegou no hospital, quando foi visitar o vô dela.
- O que o vô dela tinha?
- Pegou o vírus também. Mas ele não morreu não.
- Não?
- Não, ele tá vivo. Mas tá muito, muito triste. Ele acha que a culpa foi dele.
- É, professor, falaram que ele tinha um negócio que você ensinou na aula.
- Que negócio?
- Drepe... Derpe... Depri...mento?
- Depressão?
- Isso!

– Mas é diferente, gente. Depressão em Geografia é outra coisa. Essa depressão do avô da Maria Evelyn é uma tristeza muito grande. Tão grande que vira doença.

– Então meu pai tem isso quando o time dele perde.

– É pior do que isso, Jonas. Precisa cuidar da pessoa e às vezes tem que tomar remédio.

– É, meu pai só toma cachaça mesmo.

A turma riu. O professor ainda tinha Maria Evelyn na cabeça.

– Desculpa, gente, mas... alguém de vocês sabe da família da Maria Evelyn? Além do avô?

– Não, professor. A gente não pôde nem ir no velório.

– Não teve velório, sua tonta. Ela foi direto pro queimatório.

– Crematório, Richard.

– Isso, professor. Ninguém nem viu.

O professor sentiu que faltava um encerramento. Mas como? O que dizer para uma turma de crianças de 11 anos de idade sobre algo tão dilacerador quanto perder uma pessoa próxima e não poder sequer passar pelo ritual de despedida?

– Vocês querem falar sobre isso, gente?

– Não, prô. É muito triste.

– É. Eu nem queria vir pra escola hoje, porque sabia que ela não ia estar ali na carteira dela.

A turma toda girou a cabeça para observar a última carteira da primeira fileira da esquerda. O silêncio retornou.

– É triste mesmo, gente. Nenhuma mãe devia ter que enterrar uma filha. É difícil de entender, sem poder nem fazer um velório, se despedir. Espero que vocês nunca passem por isso.

– Pofefor.

- Diga, Eduarda.
- Ef tafa com faudadfe da comifa da fiscola.
- Quê?

Com as duas mãos, a estudante baixou a máscara.

- Eu tava com saudade da comida da escola.
 - Mas não tira a máscara, Eduarda! Não pode!
 - Ah professor, de máscara ninguém me entende.
- Ela pôs a máscara de volta.

- Agora não adianta. Vai lá na coordenação pedir pra trocar a máscara.

A estudante saiu da sala, contrariada.

O professor teve uma ideia.

- Abram os cadernos, gente.
- Ah, professoooooooooor... já vai passar matéria?
- Não, não é matéria. Abram os cadernos.

Os doze estudantes começaram a abrir a mochila, sem pressa nenhuma. Eduarda voltou, de máscara nova.

- Lição, professor!?
- Não, abre seu caderno, já vou explicar.

O professor esperou todos estarem de caderno aberto.

- Bom, vocês não puderam se despedir da Maria Evelyn. Então a gente vai fazer, cada um, uma despedida própria pra ela. Eu sei que nem todo mundo era amigo dela, mas com certeza tem alguma história que cada um de vocês lembra que aconteceu junto com ela. Vamos fazer juntos um memorial pra ela. Vocês sabem o que é um memorial?

- Não.

- É quando a gente junta memórias de alguém pra mostrar pra todo mundo o quanto aquela pessoa era importante pra gente.

- Então a América Latina era uma pessoa?
- Como assim, Cauê?

– É, não tem o Memorial da América Latina lá em São Paulo?

– Nesse caso, é um museu, que junta memórias de todo o continente. Mas a gente vai fazer um memorial pra uma pessoa só. A Maria Evelyn.

– Professor, tem que escrever?

– Pode escrever, desenhar, fazer poesia. Só não pode levantar do lugar.

– Pode cantar, professor? A música preferida dela?

– Agora não, mas você pode escrever a letra. Depois a gente pode organizar uma homenagem pra ela no pátio, chamar a escola toda, aí você canta.

Por trinta minutos, a turma se empenhou em lembrar da colega. Na troca de aulas, o professor aproveitou para conversar com a professora seguinte, que continuou com a tarefa. Na hora do intervalo, não havia outro assunto na sala dos professores. Foram cobrar a direção, que disse também não saber de nada. Tentaram contato na casa da estudante, no celular da mãe, nada.

Por toda a semana, a escola só falou disso. Decidiram pela homenagem na primeira aula da semana seguinte, para dar tempo de organizar tudo. O professor se encarregou da maioria dos arranjos. A história tinha bagunçado completamente suas emoções. Ele sabia que era uma possibilidade a perda de uma estudante, mas quando ela se tornou real, os meses passados em casa, sem correr riscos, o direito de preservar a própria vida lhe pareceram uma obtusidade. Um privilégio. Sabia que o direito à vida e à saúde não deveria parecer um privilégio, mas parecia.

Passou o fim de semana preparando sua homenagem. Duas páginas inteiras, com direito a trecho de poesia. Dormiu mal, acordou atrasado. Correu para a escola sem tomar café.

Chegando no portão de entrada, viu uma roda de estudantes. Pareciam felizes. Achou estranho, dada a comoção da semana anterior e o significado daquele dia. Um pouco antes de entrar, o Cauê veio correndo em sua direção.

- Professor, professor! A Maria Evelyn voltou!
- Vol...quê? Como assim?
- Ela voltou, professor!

De repente, aquela menina baixinha e bochechuda, com sua mochila enfeitada com pompons, pulou na sua frente.

- Oi prô! Que saudade!
- Maria... é... que que aconteceu?
- Nada, professor. Eu tava na casa do meu pai, em Quarentena.

- Mas o Cauê...
- O Cauê é um mentiroso, professor. Ele inventou isso aí e espalhou pra todo mundo na internet.

– É mesmo? Nossa... mas ainda bem que... que bom te ver... né?

Maria Evelyn ofereceu o cotovelo para cumprimentar o professor, que se abaixou levemente para poder cumprimentá-la.

- Que saudades da escola!

A menina correu pela rampa de entrada.

Parado na frente da escola, com sono, com fome e sem coragem de assumir para os colegas que fora enganado por uma criança, o professor não entrou para dar aula. Pensou sobre a vida e a morte daquela estudante, sobre o quanto não foi mas poderia ter sido, e percebeu que, na nova escola pública pandêmica, a homenagem que tinha preparado para aquele dia não era uma questão de quem, mas de quando.

Sentou na calçada do outro lado da rua e ficou observando as crianças entrarem naquele prédio vazio de sentido, onde matar a saudade dizia mais sobre o verbo do que sobre o substantivo.

Eduarda, uma das últimas estudantes ainda do lado de fora, se aproximou.

– Focê não fem, pofefor?

*(escrito em parceria com Marília Carvalho,
professora da rede pública municipal de São Paulo)*

A CLASSE

O Marcos, com sono, não via o Miguel imitá-lo por baixo da máscara branca, dessas de farmácia. A Ana e a Marta, de máscara rosa, faziam pose para tirar uma *selfie* juntas, tentando superar as duas carteiras obrigatórias de distância. O Ramon atirava bolinhas e dava risada, que ninguém via por conta da máscara personalizada que o pai mandou fazer com a foto da família orando na igreja. O Diogo, com os velhos problemas de dicção, estava ainda mais ininteligível com aquela máscara azul celeste de time europeu. A Bianca, impaciente, mexia sem parar nos elásticos da máscara preta, feita de algum resto de camiseta. E o Sérgio debruçado na carteira, cheio de raiva, máscara com a bandeira do Brasil.

– A Amanda?

– Não veio, professor. A mãe dela não teve dinheiro pra comprar máscara.

*(miniconto selecionado no concurso Arte como
Respiro: Múltiplos Editais de Emergência –
Literatura, promovido em 2020 pelo Itaú Cultural,
adaptado aqui para o universo do livro)*

SÃO MARCOS

Lá pelas tantas da pandemia, o futebol voltou em Quarentena, se é que dá para chamar de futebol um estádio sem torcida. As câmeras de TV, sem o escape às vezes cômico, às vezes trágico que vinha das arquibancadas, precisaram procurar outros ângulos.

Os torcedores, de fora da festa, assistiam a tudo num misto de depressão e agonia. Eram as suas camisas em campo, os seus estádios, mas faltava o coração. Aquele cumprir obrigatório de contrato tinha tornado o jogo mais chato que videogame, onde pelo menos dá para controlar os jogadores. Nas redes sociais, criavam desafios durante as transmissões, enquetes sobre as cadeiras do estádio, lembranças de onde ficava cada faixa. Mas não tinha jeito: todos os gols carregavam em si um pouco de gol contra.

Em uma dessas partidas vazias e sem sentido, jogavam Alvinegro e Rubro-Negro. Se um estádio vazio já é catastrófico, como vender o jogo das duas maiores torcidas sem elas presentes? A bola rolava quadrada, nem na trave queria bater, e os *emojis* de sono e tristeza comandavam as *hashtags* pelo país afora.

Lá pelos trinta do primeiro tempo, no que parecia ser só mais um chute para fora, algo aconteceu.

Atrás de um dos gols, um normalmente invisível gandula deu uma ponte espetacular para evitar que a bola fosse longe. Caiu com ela no chão, puxou para junto do peito e correu de volta para o seu não-lugar longe

das câmeras. O narrador era um daqueles engraçadões, tentativa da emissora de compensar a falta de alma nas arquibancadas, desviar o foco do que realmente importa. E aquela cena foi repetida meia dúzia de vezes dali até o intervalo.

No segundo tempo, outro chute torto e outra defesa do gandula, evitando o fosso do estádio. Dali até o apito final, sem gols, outras três vezes o garoto foi exibido, até em câmera lenta. Estava pronta a entrevista pós-jogo.

O repórter passou reto pelo centroavante, ignorou o goleiro e chegou até o menino, que até então não sabia de nada.

– Posso falar com você?

– Ahn? Eu? É...

– Você, você. A gente percebeu os seus saltos pra pegar a bola, passamos até *replay* durante a transmissão. Você sempre fez isso?

– Então moço, não sei, é meu primeiro jogo, eu...

– Você treina no Alvinegro? Faz parte da categoria de base?

– Não, eu jogo no campinho lá da praça perto de casa mesmo.

– E onde você mora?

– Moro na Borda, lá em Isolamento.

– Longe, hein? Já pensou em fazer teste?

– Sei não, moço, eu nunca...

– Qual seu nome, garoto?

– Marcos.

Aquele pequeno Dida, de pele negra, alto, esguio, se chamava... Marcos. O mesmo nome do goleiro mais famoso do principal rival do Alvinegro.

As redes sociais foram à loucura. Torcedores de todos os times criaram um sem número de memes. As mesas redondas do final da noite só falavam disso. Todas

as emissoras tentaram entrevistar o agora célebre gandula, mas ele desapareceu depois da partida.

Três dias depois, o assunto ainda estava vivo. O Alvinegro jogaria novamente, e a expectativa não era nem pelo time, nem pelos desfalques: todos queriam saber se Marcos estaria em campo. Ou melhor, fora dele.

Passadas as escalações, o repórter de campo chamou o narrador. Tinha encontrado o garoto.

– Fala Marcos! Vai ter ponte hoje?

– É... se vier bola, é o jeito, né.

– Como você tá lidando com a fama?

– Ah, me mostraram umas coisas lá no bairro, mas eu não sou muito de internet não.

– Tá certo. Bom jogo, você torce pro Alvinegro?

– Torço sim.

– Então espero que dessa vez as bolas entrem, né?

– Do outro lado, eu vou ficar aqui atrás do gol do Alvinegro.

Alvinegro que, desacostumado a jogar sem sua torcida, foi mal. Durante todo o jogo, Marcos apareceu sete vezes. Nas sete, alcançou a bola. Já o goleiro do Alvinegro, na única vez em que realmente foi exigido, aceitou um chute fácil. O close na frustração do gandula foi mais repetido do que o próprio gol.

No final do jogo, outra entrevista.

– Marcos, e aí? Você tomava esse gol?

– Sei não, moço. Não sou goleiro.

– Muito chateado com o resultado?

– Ah, acontece, agora é aguentar a zoeira do Rogério.

– Quem é Rogério?

– Meu irmão, que torce pro Alviverde – disse o garoto, fazendo careta.

– O mesmo nome do goleiro do Tricolor!? – perguntou o repórter, incrédulo.

– Isso.

– Então na sua casa o Marcos é alvinegro e o Rogério alviverde?

– É.

Era a cereja do bolo.

Os memes envolvendo os três times principais da cidade estavam prontos. A gritaria foi tanta nas redes sociais que até o goleiro famoso, homônimo do gandula, idolatrado pela torcida alviverde, resolveu se manifestar. Em tom de deboche, deu risada dos memes, e provocou:

– O dia que ele salvar o time embaixo das traves a gente conversa, fora de campo não vale nada. Marcos goleiro mesmo só tem um.

Aquela resposta atravessada, gratuita, pegou o gandula de jeito. Não que admirasse o ex-goleiro do rival, mas era um ataque gratuito, desnecessário. A molecada no bairro e na escola não parou de tirar sarro. E o garoto bolou um plano.

O próximo jogo do Alvinegro em casa era justamente um clássico contra o Alviverde. Para evitar os repórteres, Marcos pediu ao chefe para entrar atrasado no campo.

– Não gosto dessas coisas de TV, chefe.

– Tudo bem, garoto, sobe com cinco minutos.

Não adiantou muito: assim que se posicionou atrás do gol, o gandula foi encontrado pelas câmeras. E toda vez que a bola rondava a área, a expectativa do narrador aumentava.

– Cortou, vai bater, quem será que pega, o goleiro ou o Marcos?

Mas o jogo foi truncado, quase sem chutes a gol. Na única vez em que trabalhou, o gandula teve que correr

atrás da bola quase lá no escanteio, sem possibilidade de ponte. Passou os dois tempos com o plano na cabeça. Só precisava de uma chance. Achou que não teria. Mas ela veio.

Perto do fim, em um contra-ataque, o goleiro alvinegro teve que sair da meta. O atacante alviverde chutou, e a bola rolou mansinho em direção ao gol.

Quase em cima da linha, enquanto todos os jogadores prendiam a respiração pelo gol iminente, Marcos entrou em ação. Driblou a trave com um jogo de corpo, deu dois passos, saltou rente ao chão e, com a ponta dos dedos, desviou a bola para escanteio.

Correu até as câmeras e gritou:

– MAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAARCOS!

O time do Alviverde inteiro saiu atrás do garoto, que procurou o túnel do vestiário. Foi bloqueado pelo goleiro reserva, que quase acertou seu rosto. Escapou por pouco. E correu em direção às arquibancadas, onde tradicionalmente estaria a Nação Alvinegra.

Cercado e sem saída, Marcos mediu a altura do fosso ao redor do campo e fechou os olhos. Lembrou do barulho do bumbo da bateria, das bandeiras tremulando, imaginou aquela torcida imensa gritando seu nome e tomou sua decisão final: mergulhou de cabeça naquele escuro infinito, de onde só sairia sem vida.

Tornou-se santo.

DIZEM AS PAREDES

Abriu a tampa da caixa, era a quinta já, e deu de cara com a foto: os pais, jovens, com ele no colo, ainda criança, bermuda branca, camisa vermelha, janelinha na boca, cabelos encaracolados e soltos. Parecia uma festa, devia ter uns três ou quatro anos no máximo. Puxou da sacola uma das molduras, abriu, tirou a tampa, colocou a foto dentro. Faltava escolher um lugar.

Começou a perambular pela casa vazia, só ele, os móveis e as paredes, e agora os quadros, que eram para fazer companhia. Lembrou de uma frase que gostava do seu autor preferido, quer dizer, mais ou menos: “nada é menos vazio que um estádio vazio”. Era isso? Sei lá, o sentido era esse. Pensou no jogo de ontem, sem torcida, mas ainda havia os jogadores, acho que não é bem disso que o texto falava, mas que se dane, tá errado, isso aqui é mais vazio sim, essa casa só comigo, eu e ninguém mais, nesse bairro perdido no meio de Isolamento, pelo menos agora vou ter meus pais junto, chega de parede branca.

Entrou na sala pensativo e olhou para tudo aquilo que tinha acabado de pendurar. Os quadros, cada um de um lugar, uma viagem, uma lembrança. Aquele da obra de arte famosa, não a original, claro, era um souvenir do museu; que saudade daquela praça em frente, o sorvete, o melhor que já tomei. Esse outro aqui foi presente da Marta, só ela mesmo pra ir pro Vietnã, *diên biên phu*, que será que isso significa? Deve ter a ver com poder popu-

lar, essas fábricas, as plantações, nossa, eu não consigo imaginar o Vietnã pra além desse quadro e dos filmes de guerra, que sempre me dão vontade de comer arroz, por onde será que anda a Marta hoje em dia? Virou a cabeça para a esquerda e viu os quadrinhos, uma seleção, os que ele mais gostava, daquele quadrinista famoso; percebeu que nem fazia ideia de como ele era, será que parecido com alguma das personagens? Deve ser, sempre tem um pouco do autor na obra. Do lado, o maior quadro da sala, herança dos tempos de centro cultural, ideia dele, “nenhum a menos”, era o nome de um filme chinês, cacete, tem quatro países nessa sala e eu só conheço um.

Sentou no sofá e percebeu um desequilíbrio: uma das paredes tinha três quadros, outra dois, outra nenhum, mais o de cima da TV. Teve um impulso, organizador compulsivo que era, e correu para pegar o prego e o martelo. Mediu de cabeça o meio da parede vazia e martelou quatro, cinco, seis vezes até garantir a estabilidade. Não acertou o dedo nenhuma vez, era um bom sinal. Pendurou os pais ali e olhou fixamente, parece bom, combina com esse amarelo, aliás, porque será que só essa parede é amarela? Nunca vou entender essas coisas de design de interiores, enfim, ficou bom. Voltou para o sofá, a foto de lado, obrigando a torcer o pescoço para olhar, e não gostou muito, além disso, não faz sentido, festa não combina com solidude, só eles aí e toda essa parede, vão ficar mais solitários que eu, não. Tirou os pais da parede e sentou na cadeira de balanço.

Olhou a foto outra vez e pensou: se era uma festa, tinha música, que ano será que era? Pela minha idade devia ser meio pro fim dos anos 80, provavelmente era música de protesto, velha guarda, eles adoravam velha guarda, nossa, e eu que nunca dei bola e hoje morro de saudade daquelas músicas. Começou a ouvir a foto, ver as pessoas

dançando, e de repente percebeu um detalhe importante, que nunca tinha chamado a atenção: de quem será que era a festa? Isso não é lá em casa, mas parece aniversário, olha o bolo ali no fundo, se tivesse guardado melhor talvez desse pra enxergar o número nas velinhas, será que era festa de criança? Não, essa mesa tá muito vazia pra festa de criança.

Forçou a vista na mesa e o bolo deu vontade de brigadeiro, mas a ida à cozinha só serviu para constatar a falta de leite condensado. Brigadeiro, também, lembrava dela, e era por conta do vazio que ela tinha deixado que ele tinha ido parar ali, sozinho em Isolamento, então tratou de esquecer a vontade, como se desse pra esquecer vontade, a gente só joga ela pro fundo da sala, o problema é que vontade é que nem aluno fanfarrão, quando a gente menos espera leva uma bolinha de papel na fuça. Saudades, viu, de jogar e de tomar, porque nunca tinha conseguido muito bem separar o eu aluno do eu professor, esses moleques de hoje são muito trouxas, caem em tudo que é pegadinha, também, não tiram a cara do celular. Abriu um sorriso sozinho lembrando da escola, um desperdício, e olhou de novo para os pais. Não, não vou colocar na cozinha, esse bolo vai ficar fazendo vontade.

Restava o quarto, e fazia sentido: era o seu canto, mesmo que a casa toda fosse só dele e dos pernilongos. Acima da cama não dava, que já tinha o quadrinho da vó, e também quero guardar espaço pro mapa, mesmo que ele me dê ganas de viajar, até parece, nessa situação, viagem agora provavelmente sabe-se lá quando. Na porta também não, vai parecer que é um memorial, sei lá, que é o quarto deles, se eu tivesse comprado aquela moldura com apoio colocava na mesinha-do-lado-da-cama, que merda, sempre escolho a hora errada de economizar. Sentou na cama, a foto na mão, o bolo, os pais, a festa, e quem é aquele cara

ali no fundo? Parece o escritor do estádio vazio, será? Não, sem chance, ele nunca nem morou aqui, mas parece muito, nossa.

Fixou os olhos de novo no quadro e a imagem da festa ebuliu dentro dele. Os pais, ele criança, talvez o escritor preferido, uma mistura de sentimentos forte o suficiente para fazer frente à solidão. Encostou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, tentando sentir a música entre o barulho de um e outro carro que passava na rua. Levantou o olhar para a luz do quarto, branca, e focou nela até ficar temporariamente cego, enxergando círculos coloridos e brilhantes, que piscavam mesmo na escuridão das pálpebras fechadas. Sentia o sangue ferver, produzindo um calor tão alucinante quanto inconsequente, daqueles que fazem acreditar no improvável e no impossível.

Levantou da cama de um pulo, voltou para a sala e admirou a estante de livros, que até o dia anterior era a única decoração do ambiente fora a TV. Achou rápido a obra completa do escritor preferido, a capa gasta, as folhas tantas vezes manuseadas, e abriu a orelha, onde o autor aparecia elegante. Colocou a foto do lado e realmente eram muito parecidos, o homem da festa e o escritor preferido, mas não dava para afirmar nada. Pousou a foto na prateleira, usando o livro de apoio, e ficou admirando os pais, o talvez-escritor, a velha guarda e o bolo. E sem pensar muito, num desses impulsos que a gente não se arrepende depois, os círculos rosa, azul e amarelo ainda piscando na mente, mergulhou no quadro e entrou na festa, para beber uma cerveja, tentar surrupiar um ou outro brigadeiro antes que as crianças devorassem tudo e, quem sabe, encontrar consigo mesmo – já que, em Isolamento, as paredes falavam mais alto que as leis da física sobre viagens no tempo.

CONSIGO

Isolamento, 28 de maio do Primeiro Ano

Mãe,

cheguei a Isolamento cedo. Nem nove horas. Fui o único passageiro de um ônibus cujo motorista não vi, nem ao subir, nem ao descer. O trajeto entre as duas cidades não durou trinta minutos, mais rápido que uma ida qualquer ao mercado. E disso sei bem, ir ao mercado, toda sexta. Mercado e feira. Depois lavar tudo, guardar, tomar banho, colocar as roupas para bater. Vezes o suficiente para chamar de rotina.

Saí da rodoviária e não encontrei nada. Ou melhor, ninguém, só prédios, árvores, bancos vazios de praça e comércios fechados. Não dá para dizer que foi muito diferente de Quarentena porque foi totalmente, completamente outra coisa. A começar por mim: estava sem a Má, sem a cachorra e sem a gata. Trouxe um agasalho, achei que faria frio. Não fez. Como uma cidade tão próxima pode ser tão mais sufocante? O gradiente térmico entre Quarentena e Isolamento é inexplicável, ainda mais se considerarmos a ausência humana. De onde vem esse calor? Não de mim.

Me sinto mais gelado por dentro do que por fora aqui. Esperava que essa sensação de frio ao menos se invertesse. Não as ter comigo dói, claro, mas é um outro tipo de perda, diferente da do pai ou da vó. Uma que escolhi. Quer dizer, que merda é escolher num mundo onde não

podemos fazer as opções? Já foram feitas, por outros, já estão dadas. Absolutamente nada na vida é uma escolha completa e totalmente nossa, começando por nascer. Abrimos os olhos e nos descobrimos vivos, cobertos de sangue, com dor nos pulmões por conta do oxigênio. Logo sabemos que temos uma mãe, e (nem sempre) um pai, ainda que só depois de ano possamos assumir isso para o mundo. A infância é um oceano de escolhas dos outros para a nossa vida, a adolescência um show infinito de escolhas dolorosamente erradas, mesmo as certas. E aí vem a vida adulta. O trabalho. Até dois meses atrás eu trabalhava como se nada fosse nunca acabar, e agora... escolhi perder. Escolhi deixar. Escolhi Isolamento. Mesmo sabendo que talvez não volte.

Mãe, desculpa falar com esse peso todo, mas meu coração carrega uma tonelada de escolhas que eu não sei se fiz, e essa agora que doeu demais fazer. Você já vai entender.

A casa que eu aluguei aqui fica a três minutos da rodoviária. A chave estava embaixo do tapete. Parece coisa de filme, eu sei, mas quem iria procurar chave embaixo do tapete em uma cidade vazia? Antes de entrar, eu deixei os tênis do lado de fora e comecei o *striptease* típico de Quarentena. Inútil, não tem ninguém dentro da casa, nenhum risco de contaminação. Abri as portas, todas as três, e dei de cara com paredes brancas, uma delas com um remendo, e uma sala vazia. Deu saudade da nossa casinha em Quarentena, com a parede pintada a três cores, linhas retas, formas geométricas, marrom, amarelo e laranja sobre branco, o mesmo branco da parede oposta; a sala mobiliada, sofá, rede, a cadeira de balanço da vó, os quadrinhos lindos da Má, alguma poeira, e pelos da

cachorra e da gata. Mas uma escolha é uma escolha, e eu quero ser fiel à minha.

O resto da casa também está vazio, só tem uma cama. Deitei no quarto, de roupa, e dormi. A Má teria me matado. Acendi a luz e ela é fraca, insuficiente, assim como a falta de imagens sobre a cômoda e a parede branca.

Apesar da casa vazia, essa é uma cama velha, pelo menos uns dez anos de uso. Quantos corpos não descansaram aqui? Quantos sonhos? Você me ensinou que toda cama é um baú de memórias, mãe, de alegrias, de dores, de desejos. Essa, agora, guarda os meus. Ainda que eu não me lembre sobre o que sonhei, ou se sonhei. Ainda que eu não tenha certeza dos meus desejos, esconda as minhas dores e dê pouca atenção para as alegrias.

A única outra coisa que tem nesse quarto é um ventilador. Liguei-o para aliviar um pouco do calor e tentei ler um livro, ainda na cama. Meus olhos doeram rápido, porque eu parei de ler em Quarentena. E de escrever. Desde aquele dia, desde aquela cena com o Zé. Nunca te contei isso. Não consegui. Conto agora.

O Zé sumiu.

Eu ainda escuto os chutes e os gritos dele. Não me arrependo de ter saído de casa na hora, de ter tentado ajudar. Quase acabei indo junto. Mas levaram ele embora, só ficou o espelho, que eu peguei para mim e que está aqui comigo. Aquele brilho no bolso dele era um espelho. E desde então eu não consigo fazer mais nada, mãe, que não seja olhar para esse espelho. Eu olho para ele e lembro da terapia e daquele ponto cintilante que surgia quando eu olhava para o teto enquanto a terapeuta falava. Era uma ilusão de ótica, eu sei, talvez de tanto forçar a vista, mas que eu gostava de imaginar como ser vivo e seguir pela

parede conforme se movia de forma ritmada e inesperada. Eu criei aquele ponto, sem saber como, e de repente ele tinha vida própria, limitada ao meu piscar de olhos. Daria para dizer que era uma epifania sobre a criação da vida se não fosse apenas uma forma de lidar com o fato de que a terapeuta vivia me interrompendo, e isso me irritava. Você sabe como eu odeio quando me interrompem.

Mãe, de tanto olhar para o espelho, eu comecei a ver coisas. E a ouvir. Pontos cintilantes, formas, vozes, sons, músicas. Um dia, eu estava na sala, deitado na rede. A televisão, ligada, passando algum jogo de futebol do passado, que eu tentei assistir para me distrair e só consegui por quinze minutos. De repente, me senti um pouco zozzo, a cabeça pesada. Olhei para o espelho e vi um vulto refletido no sofá.

Era meu pai. E era o Zé, e a vó, e a Boquita, e a Zica. E você.

A Má me pegou chorando e conversando com vocês todos, e ficou tão assustada que eu escolhi Isolamento. Porque eu juro que era real, mãe, mas quando eu olhei nos olhos dela eu só vi medo. Medo de mim, medo do espelho, medo do contágio.

Então, antes que eu a deixasse doente, antes que eu deixasse de ser eu para me tornar um risco, eu fui embora.

Agora estou aqui, no parapeito dessa varanda, o celular em uma mão, o espelho em outra. Não há Zé lá embaixo, nem fogareiro, nem nada. A Má não sabe onde eu estou, ninguém sabe, só você, isso se eu decidir enviar este *e-mail*. Caso você chegue a recebê-lo, espero que entenda a minha escolha, só minha, a única de uma vida toda, e que saiba que estou bem, com meu pai, com a vó, com o Abu, e que se um dia eu voltar a ver a Má, ou

você, ou qualquer outra pessoa, vai ser porque eu consegui reencontrar comigo.

Te amo,
D.

PEDRA DURA

Acordou e o café era só isso mesmo. Desde que metade da metade adulta da família desempregou, leite, queijo, presunto, margarina e pão tinham se tornado saudade.

Essa era a matemática: oito pessoas vivendo juntas, metade adulta, a outra forçada a ser antes da hora, naquela rua sem asfalto em Esquecimento, bairro periférico de Quarentena. Uma casa velha, um palacete assobradado, construído lá na época da pandemia, no começo do século. Na parte de baixo uma mecânica, que mesmo em Esquecimento carro tinha de monte, e eles espremidos no dois-quartos-sala-cozinha-banheiro de cima.

Seu pai já tinha saído para abrir o bar, a tia estava provavelmente trocando de trem para chegar ao escritório de advocacia – limpava lá de segunda, quarta e sexta, o consultório ao lado de terça, quinta e sábado. A prima, vinte anos, dormia, depois de catorze horas no dia anterior entre ônibus, trem e sola do sapato, procurando qualquer coisa que desse um trocado. E ela, pouco mais velha do que a prima, obrigada a ficar em casa, se sentindo um peso naquela família de dezesseis toneladas. Sobrava cuidar dos pequenos quando voltavam da escola, e dos médios depois das vendas no trem. Não conseguia nem faxinar, ainda. Talvez nunca mais. Cozinhar, quando dava. Consequências da doença adquirida.

Os dias se arrastavam entre a cama, a sala e a cozinha. No meio, um esporro no menorzinho, uma conversa com a prima, uma noite de choro no ombro do pai. A casa ia se tornando clausura, prisão, jaula.

Era pior quando o céu nascia cinza, como naquele dia. Sem ar logo depois do café, pensava em sair para tomar algum quando ouviu um trovão, e outro, e de repente raios sem parar. Vinha chuva, certeza.

Ninguém sabia que seria A Chuva, um fenômeno meteorológico único na história de Quarentena.

Começou naquele dia e não terminou mais. Variava entre tempestade, dilúvio e aguaceiro, e nunca, nunca parava. O pai fechou mais cedo, que ali dava enchente. A tia não foi liberada do trabalho. Os pequenos e os médios voltaram para casa encharcados. E a parede caiu.

No meio da sala, ao lado da janela, deixando entrar toda A Chuva, a parede caiu.

A prima correu para pegar os sacos de lixo, aqueles pretos mais resistentes. Um dos médios encontrou a *silver tape* dos tempos de skatista. Os pequenos se puseram a recolher os pedaços de parede do chão e colocar na área de serviço. E, num esforço coletivo, cobriram o buraco com três camadas de plástico.

Ela não pôde fazer nada. O corpo não deixava, o pai menos ainda. Mandou ficar no quarto, que podia piorar os pulmões. Sozinha como quase nunca, enquanto o resto da família trabalhava, ela chorou. De vergonha, de raiva e – sem saber – de depressão.

Os sacos de lixo aguentaram um total de trinta e cinco horas. Logo que A Chuva mudou de novo de aguaceiro para dilúvio, com ventos fortes, o plástico se foi.

Ficaram expostos outra vez.

O pai teve uma ideia. Saiu com a prima, a tia e dois dos médios, não antes de ordenar expressamente que ela ficasse no quarto.

Voltaram algumas horas depois, ensopados, com várias caixas de feira, de madeira, igualmente molhadas. Colocaram para secar e, no dia seguinte, aproveitaram a diminuição temporária d'A Chuva para fechar de novo aquele buraco, dessa vez com a ajuda de furadeira, parafuso, prego e martelo.

A quantidade de caixas permitiu fazer inclusive um reforço, e a estrutura conseguiu aguentar por duas semanas. O que não aguentou esse tempo todo foi o orçamento familiar: com o bar fechado, a prima desempregada e a tia com as faxinas reduzidas pela metade, mal dava para ter almoço e janta. O governo anunciara um auxílio, um pouco mais da metade de um salário mínimo, mas quase ninguém em Esquecimento tinha conseguido vencer a burocracia estatal.

Ela passou todo esse tempo no quarto, metade dele chorando. Brigou com os pequenos duas vezes, deu um tapa na cara de um dos médios. Mal olhava para a prima. De tempos em tempos, o pai a abraçava na cama, e se segurava para não chorar também. Não conseguia dizer nada, mas o abraço servia como um moletom. Para os dois lados.

A Chuva seguia. Ao final das duas semanas, a madeira ruiu, depois de um vento de duas horas gelado como o inverno – em pleno abril. Do quarto, ela ouviu, de madrugada, as tábuas caindo no meio da sala. Abriu a porta e viu o pai e a tia tentando segurar o que restava. Mas A Chuva levou tudo embora, inclusive mais um pedaço da parede.

O pai se ajoelhou, as mãos na coxa, a cabeça baixa, e ela quis ir até ele. Mas a tia mandou fechar a porta,

olhando para ela com os olhos cheios de lágrimas, e de um certo tipo de impotência distante apenas um milímetro do desespero.

O pai se levantou. Colocou a capa de chuva rasgada e saiu. Voltou horas depois e chamou a prima e os médios para ajudar.

Entraram em casa com os braços carregando sacolas e mais sacolas de tijolo, cimento e massa corrida. A tia perguntou de onde tinha vindo o dinheiro. O pai respondeu com um olhar. Os dois baixaram a cabeça e ela voltou para a cozinha. Ele olhou para o chão mais alguns segundos antes de se trancar no banheiro por mais de hora.

Aquele dia e o choro contido do pai machucaram muito mais que a doença.

Enquanto os outros tapavam o buraco da parede, dessa vez com tijolo e cimento, o telefone dela tocou. Era do hospital. Por conta d'A Chuva, os casos da doença aumentaram muito, e havia um novo medicamento, em fase de testes. Prometia acabar com as fissuras. Precisavam de voluntários, e pagavam o equivalente a dois meses do faturamento do bar. Os riscos, entretanto, incluíam ânsia de vômito, febre, tosse, diarreia, paralisia parcial ou total dos membros inferiores e, em um por cento dos casos, morte.

O pai proibiu. Nunca colocaria a vida dela em risco desse jeito.

Ela não respondeu ao hospital.

A Chuva fez os serviços de entrega pela cidade aumentarem exponencialmente, e o pai, a tia e a prima foram atrás de uma vaga nas empresas de *delivery*. Não tinham carro nem moto, só podiam trabalhar de bicicleta. A empresa não fornecia nada, nem roupa de proteção, nem

capa de chuva, muito menos a bicicleta. Em casa, tinham duas. Faltava uma.

A prima ligou para um ex-namorado que odiava e, sem alternativa, implorou pelo empréstimo. Conseguiu, prometendo coisas que não devia.

Começaram os três a fazer entregas, e o café já podia outra vez ser com leite. Com a parede reconstruída, ela pôde voltar para a sala. Estendeu uma bandeira do Alvinegro para esconder o remendo e agradar o pai. Sozinha com os menores e os médios, sentia o mundo pesar. Era chumbo, da cabeça aos pés. Lá fora, a cada trovão, o choro de um pequeno e um grau a mais de impotência, a imagem do pai tomando chuva. Precisava fazer algo.

Resolveu varrer.

Passou o resto da tarde deitada, sem fôlego, tentando se recompor. À noite, com os menores dormindo, jantaram os quatro adultos sem trocar uma palavra. O pai não percebeu sua falta de ar – ou fingiu não perceber.

Por três dias, quase não comeu. Saía da cama apenas para ir ao banheiro. Os pulmões doíam como mil ferroadas. Os olhos ardiam de lágrima. Simulava sempre dormir antes do retorno do pai.

Quando finalmente conseguiu se recuperar, levantou cedo. Queria encontrar os adultos antes de saírem. Encontrou o menor dos pequenos, brincando de bater no remendo da parede com um martelo de plástico.

O arrependimento que sentiu depois foi ainda maior que a bofetada que deu. O choro do irmão se juntava ao do pai na categoria das memórias palpáveis e doídas.

A parte adulta da família para além dela estava cada vez mais esgotada. Eram doze, treze, catorze horas por dia pedalando debaixo d'A Chuva, às vezes mais. Paravam

em casa apenas para dormir. O pai, sempre carinhoso, agora passava dias sem trocar uma palavra com ela, de tão cansado. Nem soube que, naquele tempo, o hospital tinha voltado a ligar, duas vezes. Além do ex-chefe, que ofereceu o trabalho de volta.

Como se aquele desgraçado não soubesse da doença. Como se não tivesse culpa.

Ela cogitou aceitar.

A Chuva não dava sinal de término. Seguiu subindo e descendo, e os especialistas erravam as previsões, ou não queriam mais acertar. Em um domingo estranhamente calmo, a categoria dilúvio voltou a acontecer. E toda a família, na sala, ouviu o barulho do vento uivando do lado de fora.

Parecia uma alcateia. Um trator. Derrubando tijolo por tijolo do remendo na parede, sem tomar conhecimento da tentativa de reforço feita pelo pai com o pouco de cimento que restava.

Ela não dormiu aquela noite. Quase ninguém dormiu. O barulho d'A Chuva batendo no plástico, outra vez o plástico. Era o mantra oficial de Esquecimento. Pela janela, em quase todas as casas, podia ver o mesmo remendo. Uma bandeira preta, de luto, de luta, de quem não tinha endereço para receber, só entregar.

De manhã, quando o pai passou no quarto para lhe dar um beijo antes do trabalho, encontrou sua cama vazia e arrumada. Como na época em que ainda havia o bar, as faxinas da tia e o emprego dela na fábrica instalada dois bairros à frente. Na sala, sentindo um calafrio, que não era do vento, não era do frio, ela girou a chave na fechadura. O pai correu e a encontrou a ponto de sair, toda arrumada, os cabelos bem penteados, o melhor sapato nos pés, os olhos vermelhos e fundos, a capa de chuva rasgada, a respiração ofegante. E fez menção de contê-la.

Ela fechou a porta por fora.

Enquanto descia apressada a escada, sentindo-se como uma fugitiva ao contrário que corria de volta para o cativoiro, ouviu o pai alcançar a janelinha do corredor e gritar, a plenos pulmões. Do outro lado da rua, o canto alegre de um passarinho, vermelho como sangue, parecia ignorar a existência d'A Chuva.

Cantou, cantou e voou para longe.

NÓS, PASSARINHO

Décadas depois da pandemia, o bairro da Borda ainda sentia. Limite municipal de Isolamento, com um pedaço de floresta tropical ombrófila mista em seu território, a Borda terminava bem no meio do Parque Nacional da Serra da Resiliência. Depois do parque, havia uma descida em queda íngreme até a depressão periférica do rio dos Corpos, que ganhou esse nome quando descobriram a desova de mortos por parte do governo. Em qualquer outro lugar que não o parque, o solo era infértil, uma mistura de consequências relacionadas ao clima e aos fatores antrópicos, o nome que se dá quando a culpa é da nossa espécie.

As explicações dos moradores da Borda eram mais simples: excesso de asfalto. E lixo. Muito lixo. A maioria não entendia por que é que aquele resto de floresta continuava lá, cheio de sobrevivência, enquanto no bairro se morria de fome. Muitos tentaram invadir o parque, cortar árvores, colher frutos, matar qualquer animal que fosse comestível – e até alguns que não. Mas as Tropas Oficiais guardavam a cerca e atiravam com as famosas balas letárgicas, desenvolvidas especialmente depois da pandemia e da Grande Crise Carcerária. Não matavam, diziam, mas tornavam os corpos inertes por dez anos. Eram o julgamento e a própria pena: os atingidos entravam em um estado de coma, e ficavam sob a tutela do Estado nos novos Hospitais-Prisão, onde seus sinais vitais eram

mantidos até que os efeitos da bala passassem. Quem já havia entrado em algum dos hospitais descrevia a cena como um empilhamento de corpos, uns sobre os outros, em beliches precários, com drenos de entrada e saída de líquidos conectados a cada um. Nunca ninguém havia voltado de um Hospital-Prisão, e os boatos eram de que o coma induzido pelas balas seguia mantido enquanto o caso não fosse resolvido no Tribunal. A fila de casos era tão grande que a expectativa do primeiro julgamento relacionado a uma bala letárgica acontecer estava ainda a anos de distância.

Na Borda, a fome e o medo caminhavam juntos. Mas também havia solidariedade. Grupos de moradores se reuniam em segredo para caçar passarinhos, uma das formas de combater a falta de alimentos. E aqueles de idade avançada ou de mira ruim ficavam com a tarefa de cozinhá-los. A prática era crime em Isolamento, dada a chance de uma nova pandemia pelo consumo de animais muitas vezes silvestres, mas entre o risco e a fome, a maioria escolhia o primeiro. Também existia apoio entre os que ficaram conhecidos como “órfãos da pandemia”, crianças que perderam seus pais para o vírus e que foram adotadas informalmente por parentes, amigos e vizinhos. Alguns habitantes de outros bairros, quase sempre professores e funcionários das escolas e órgãos governamentais da Borda, também organizavam ações de solidariedade, mas a fome não via seu fim, já que a população do bairro era não só numerosa como indesejada pelo resto da cidade. Mais de setenta por cento dos habitantes da Borda não tinha emprego, e quase metade não tinha acesso aos testes e vacinas fornecidos pelo governo. A época da Maior Recessão, aliada à chegada ao poder do Partido da Eliminação Social, fez com que o sistema público de saúde

fosse privatizado, e os valores de um convênio médico só eram praticáveis para quem morava da Ponte para lá. A Ponte era o único acesso à parte central de Isolamento, e havia controle para atravessá-la. Sem teste negativo para as principais doenças e atestado de imunidade, ninguém passava.

Pouco depois da pandemia, houve uma tentativa de combate às políticas do Partido da Eliminação Social. Foi quando surgiu o Movimento dos Sem-Teste, na época da privatização dos hospitais públicos. Erguiam uma bandeira preta com uma cruz vermelha que escorria, em alusão ao sangue e ao luto dos mais pobres. Era composto essencialmente por mulheres e, junto às Mães de Luto e Luta, que combatiam o assassinato e o encarceramento contínuo de jovens pobres em Isolamento, formavam a principal oposição ao governo. Os dois movimentos eram muito fortes na Borda, o que levava as Tropas Oficiais a realizarem um sem número de operações sob o discurso de “coibir práticas sanitárias ofensivas à saúde pública”.

Foi em meio a uma dessas operações que surgiu a lenda do passarinho: dois adolescentes que caçavam passarinhos fugiam das Tropas Oficiais quando ouviram um estouro dentro do Parque Nacional da Serra da Resiliência, seguido de uma enorme revoada de pássaros de todos os tipos. Um dos pássaros (alguns dizem que era um guará, outros juram que foi um tiê-sangue) pousou sobre a cerca do parque, bem em frente aos dois jovens, e cantou tão bonito que os fez esquecer do estilingue. Assim que bateu asas, os adolescentes perceberam que, exatamente atrás de onde havia pousado, uma enorme jabuticabeira carregada, com os galhos pronunciados para fora da cerca, oferecia seus frutos. Aquela noite ficou conhecida como a Noite das Jabuticabas, e daquele dia em diante espalhou-se

pela Borda a lenda de que onde pousasse um passarinho vermelho, haveria fartura. Verdade ou não, o fato é que nenhum morador do bairro ousou mirar em qualquer pássaro cor de sangue dali em diante. Mas ninguém nunca mais encontrou frutos.

Um grupo de moradores, que acreditava na lenda de forma mais intensa, resolveu começar a seguir as raras aves vermelhas que voavam por ali. Sempre que aparecia uma, formava-se a romaria pelas vielas da Borda, seguindo o pássaro pelas árvores até que ele invariavelmente partia para longe. Por duas vezes, as aves adentraram o parque, e os moradores, na tentativa de segui-las, foram interceptados pelas Tropas Oficiais.

Na terceira vez que isso aconteceu, a lenda se ampliou. Irritado com outra aglomeração que entendia ser sem sentido, um dos guardas mirou no passarinho e atirou uma bala letárgica. Enquanto a multidão assistia a ave ir ao chão, o guarda esboçava um sorriso por ter acertado o tiro. Mas, rente ao solo, o pássaro abriu as duas asas e levantou voo para dentro da floresta. A população voltou para a Borda quase em delírio, e o caso foi contado e recontado muitas vezes. E à fartura, foram adicionadas a imortalidade e o renascimento.

Para os céticos, o pássaro atingido e aquele que viram voar não eram o mesmo. Mas aves vermelhas eram tão raras no parque que acreditar em duas ao mesmo tempo era quase tão difícil quanto crer na lenda. E os moradores da Borda continuaram procurando e seguindo os passarinhos vermelhos, sem nunca de fato encontrar fartura outra vez.

Quando a lenda já estava bem enraizada na Borda, um grupo encontrou um pássaro vermelho morto, no meio do bairro. Ninguém nunca tinha visto aquela espé-

cie antes. De um vermelho vivo, cintilante, que ofuscava a vista. Trazia um sentimento de completude a quem olhava, mesmo sem vida. Ao seu redor, estranhamente, cresciam flores. No processo de preparação do que seria uma refeição para quatro, o grupo encontrou um estranho artefato na barriga da ave.

Era a bala letárgica.

Ao invés de comê-lo, os moradores da Borda resolveram enterrar o pássaro no mesmo lugar onde foi encontrado. Os mais crentes diziam que aquela seria uma ave mítica, fundadora de uma nova era na comunidade.

Mito ou não, o fato é que as inexplicáveis flores naquele pedaço de terra cresceram. O solo, antes infértil, parecia ter recuperado a vida. Uma das lideranças das Mães de Luto e Luta plantou ali uma semente de feijão, que brotou em pouco tempo. E depois disso tudo que foi plantado no túmulo do passarinho morto vingou.

Meses depois, o que era uma cova tinha se tornado uma pequena horta. Cuidada por todos, que se revezavam durante a semana no plantio, na rega, na poda. Algumas plantas alimentícias não convencionais já podiam ser consumidas. O pé de feijão cresceu quase até as nuvens. E o culto ao pássaro vermelho se transformou em ritual de resistência na Borda. Pela primeira vez em anos, era possível sonhar um futuro.

No dia em que aquela pequena plantação de esperança foi oficialmente inaugurada, com direito à apresentação das crianças em um coral que simulava o canto de um pássaro, um dos moradores, pouco afeito às coisas sem explicação, apontou para a possibilidade de que os elementos químicos daquela bala letárgica, misturados ao funcionamento orgânico do passarinho, tenham produzido

a fertilidade do solo. Mas o motivo pouco importava: a lenda era maior do que o fato. O futuro era um passarinho.

Na manhã seguinte, quando a moradora mais velha da Borda abriu a janela da sala para aproveitar os primeiros raios de sol, encontrou as crianças trepando no pé de feijão, subindo e subindo rumo ao firmamento. E viu vindo de longe, da direção da Serra da Resiliência, uma revoada de tiês-sangue, que pousou por toda a extensão da cerca, guardando a horta como se fosse um ninho.

Há quem diga que eram guarás.



fotografia: Marília Carvalho

Meu nome é Danilo Heitor, muito prazer. Nasci em São Paulo, em 1982, e escrevo desde criança. Meu primeiro livro, na 2^a série, foi sobre a minha irmã: “Lukinha Lokinha”. Tenho ele até hoje embaixo da cama - obrigado, mãe.

Na adolescência, produzi muitos zines, escrevi letras de música, e na vida adulta enveredei pelas crônicas e contos. Cidade, sociedade e situações inusitadas são temas recorrentes, provavelmente porque a vida de um professor - de Geografia - acaba produzindo muitas histórias.

Antes deste livro, tive alguns contos e crônicas publicados em revistas e antologias. Você pode encontrar parte deles, além de outros escritos meus, em: www.daniloheitor.com.br

Consigo, de Danilo Heitor, traduz em ficção esse instante singular e interminável da pandemia da Covid-19. Os contos se passam nas cidades de Isolamento e Quarentena, a capital de Corona. Nesse país, que nos é tão familiar, os hábitos desenvolvidos para a sobrevivência se converteram em modos permanentes de existência.

Navegando do realismo mágico à distopia, da autoficção à fábula maravilhosa, *Consigo* tece esse complexo cenário ficcional pelo entrelaçamento entre os contos, formando uma teia de situações muito diferentes que, em sobreposição, revelam o que significa a experiência de viver nos tempos de pandemia.

São histórias que nos mostram que esse momento ficará para sempre marcado pelas distâncias, saudades, desenganos, mas também pela capacidade que temos de nos desdobrar e colaborar para, no fim, plantar uma esperança. Nesse contexto tão difícil e realista, as personagens de *Consigo* revelam de forma única os tipos urbanos mais típicos em suas tentativas às vezes atrapalhadas de lidar com o cotidiano atravessado por tantos imprevistos e sobrecargas.

A narração minuciosa de Danilo retira esses fatos corriqueiros de sua suposta normalidade, e nos crava o nó na garganta necessário para que estranhemos a nossa própria realidade. Capacidade inerente às melhores obras de arte, o estranhamento é um incômodo indispensável para podermos questionar tudo aquilo que corre o risco de se tornar perigosamente naturalizado, e assim perceber quando o modo de sobrevivência desse período se impuser sobre nós como algo supostamente normal e permanente.

“Contando agora parece até que foi Corona quem chegou até nós. Estranho esse sentimento, aumenta a sensação que eu sempre tive de que não estamos no controle de nada.”



George Amaral
Psicanalista e escritor